

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE HISTÓRIA**

RUDÁ SILVA DE PINHO

A CIDADE DE BELÉM DO PARÁ: mitos e medos no espaço público (1950-1989)

NATAL/RN

2015

RUDÁ SILVA DE PINHO

A CIDADE DE BELÉM DO PARÁ: mitos e medos no espaço público (1950-1989)

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Professor Doutor Raimundo Pereira de Alencar Arrais, para avaliação da disciplina Pesquisa Histórica II.

NATAL/RN

2015

UFRN. Biblioteca Central Zila Mamede.
Catalogação da Publicação na Fonte

Pinho, Rudá Silva de.

A cidade de Belém do Pará: mitos e medos no espaço público (1950-1989). / Rudá Silva de Pinho. – Natal, RN, 2015.

62 f.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Graduação em História.

1. História – Belém do Pará - Monografia. 2. Medo – Monografia. 3. Espaços públicos – Monografia. I. Arrais, Raimundo Pereira Alencar. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 9(811.5)

RUDÁ SILVA DE PINHO

A CIDADE DE BELÉM DO PARÁ: mitos e medos no espaço público (1950-1989)

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para avaliação da disciplina Pesquisa Histórica II.

Aprovado em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais
(Orientador / UFRN)

Prof. Dr. Raimundo Nonato Araujo da Rocha
(UFRN)

Prof. Ms. Vanessa Spinosa
(UFRN)

RESUMO

A sensação de medo sempre esteve presente em determinados espaços das cidades, sejam por memórias ruins sobre um local, seja pela violência que ali pode ocorrer ou pelo imaginário dos mitos dentre os moradores. Em Belém, o século XX foi um período fundamental de registros expositores da existência do medo diante do sobrenatural nos espaços públicos do centro da cidade. Espaços que, por acreditar-se serem palco para manifestações sobrenaturais, tornaram-se locais mal quistos, espaços de medo. Assim sendo, esta pesquisa pretende analisar, a partir de entrevistas com moradores do centro de Belém, notícias de jornais, pesquisas acadêmicas e da literatura regional, a presença e as influências dos mitos e medos diante do sobrenatural sobre os espaços públicos do centro da cidade entre 1950 e 1989.

Palavras-chave: Belém; medo; espaços públicos.

ABSTRACT

The sense of fear was always present in certain areas of cities, whether by bad memories of a place, whether the violence that can occur there or by the inhabitants imaginary of myths. In Belém, the twentieth century was a key period of exhibitors records about the existence of the fear of the supernatural on public spaces in the city center. Spaces, believed to be a center for supernatural manifestations, became bad seen places, fear spaces. Therefore, this research aims to analyze, from interviews with residents of Belém city center, journals news, academic researches and regional literature, the myths and fears of the supernatural presence and influence on public spaces in the city center between 1950 and 1989.

Key words: Belém; fear; public spaces.

AGRADECIMENTOS

Diversas pessoas foram essenciais para que o desenvolvimento desta monografia se concretizasse. Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado me apoiando, preocupados e, acima de tudo, interessados sobre as minhas pesquisas e seus rumos, sempre me perguntando sobre como as coisas estavam indo, dando dicas sobre as minhas formas de escrever, para que o trabalho ficasse mais claro. Ao meu irmão André e minha cunhada Carla que também, sempre dentro do possível, se preocuparam e me auxiliaram nesse processo de escrita, dando apoio.

Também não posso deixar de agradecer o Tyego Franklim, que durante esses cinco anos de curso não saiu em nenhum momento do meu lado e conseguiu me aturar, me ajudar, me apoiar em todos os momentos, desde os mais fáceis e agradáveis aos mais difíceis e complicados – que não foram poucos. Desde que iniciei os projetos acerca desse tema, apenas recebi apoio e coragem para desenvolvê-lo. Ele sabia que era um tema que além de me causar muito interesse, também me dava um enorme prazer em pesquisar. Foram muitas conversas, discussões e problematizações e até mesmo brigas por um ou outro concordar ou discordar do uso de algum autor. Todas valeram muito à pena. Por todo apoio, ajudas e por sempre estar ao meu lado em todo esse processo, meu muito obrigado.

Meus amigos formaram e ainda formam outro ponto forte sobre mim e minhas escolhas. Giovanni Bentes foi alguém fundamental para o andamento desta pesquisa. Lembro de termos nos conhecido ainda no primeiro dia de aula da graduação em História e, desde então, a amizade cresceu e se fortaleceu de uma forma que não vejo como poderia ser melhor. Nossas discussões acadêmicas, suas indicações e apoio sobre a escrita desta monografia também me ajudaram demais. As críticas sinceras e sempre construtivas, bem como alguns puxões de orelha e os auxílios em momentos difíceis fizeram toda a diferença. Só tenho a agradecer por essa amizade.

Fagner David foi alguém que eu realmente não esperava ter uma boa amizade, e ele sabe disso. Felizmente, para ambos, a amizade surgiu e hoje apenas continua a crescer. Foram muitas risadas, desabafos, reclamações e diversões que eu realmente precisava em todos os momentos. Sua ajuda e preocupação com meus objetos de pesquisa, autores e todas as nossas conversas a respeito desses elementos não poderiam ter sido de melhor aproveitamento para mim. Por tudo, muito obrigado.

Algumas pessoas apareceram nestes últimos anos de forma inesperada e algumas delas preciso agradecer muito. Anny, Clara, Elian e Pedro. Já conversamos tanto, compartilhamos

tantas experiências, memórias e desejos. Já rimos, já reclamamos, já choramos e tanto a presença quanto a amizade de vocês me fortalecem demais e me ensinam a escolher melhor, a fazer melhor. Obrigado por tudo, gente!

Já com outros amigos, o contato direto diminuiu. Mas sejam quais forem os motivos, sei que todos torcem muito por mim, o que percebo quando nos encontramos, naqueles momentos em que parece que nunca estivemos afastados. Tamires Nepomuceno, Déborah Tavares, Diana Araújo, Gabriela Fernandes, Isac Queiroz, Isabelle Abtibol e Monara Soares. Sei o quanto cada um de vocês já me apoiou e o quanto continuam apoiando, pensando e orando por mim. Isso é muito importante para mim, muito obrigado.

Aos meus familiares, tias e primos que moram em Belém que sempre perguntam por mim com um sorriso no rosto, que tanto ficaram feliz quando souberam o tema da minha monografia e que, desde que eu me entendo por gente, são presença constante em minha vida, torcendo pelas minhas conquistas. Este meu caminho foi trilhado com o auxílio de cada um de vocês.

Ao meu orientador, Raimundo Arrais. Primeiro, preciso agradecer por ter aceitado orientar essa monografia. Tenho certeza que o senhor viu o quanto a pesquisa desse tema me fazia bem, obrigado por me ajudar a desenvolvê-lo da melhor forma possível. Agradeço por nossas discussões, por suas indicações bibliográficas e as críticas, que sempre visaram o crescimento e aperfeiçoamento desta pesquisa. Ao longo destes dois anos de orientações, meus conhecimentos a respeito de discussões sobre o urbano e sobre o imaginário se ampliaram em grande parte. Muito obrigado por toda a preocupação e o auxílio, essenciais para esta escrita. Espero que o resultado final traga muita satisfação.

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Bairros centrais da cidade de Belém do Pará.....	18
Mapa 02 – Localidades referenciadas nos relatos dos entrevistados.....	34
Mapa 03 – Áreas das aparições relatadas pelos entrevistados.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – A CIDADE DE BELÉM E SEUS MITOS NA VOZ DA IMPRENSA.....	16
CAPÍTULO 2 – MITOS, MEDOS E MEMÓRIAS NA CIDADE.....	30
CAPÍTULO 3 – O MEDO DIANTE DO SOBRENATURAL NAS RUAS DO CENTRO DE BELÉM.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
BIBLIOGRAFIA	56
ANEXOS	59

INTRODUÇÃO

O fascínio sobre a Amazônia começou ainda nos anos 1990, na minha infância. Morei no Pará – em Belém e na Vila dos Cabanos – até os meus nove anos e toda a atmosfera da floresta me encantava sempre quando fazia meu trajeto de casa até a escola, de bicicleta. A Vila dos Cabanos é um distrito do município de Barcarena, criada como uma vila operacional a fim de abrigar os funcionários de empresas de alumínio, como a ALBRAZ e a ALUNORTE. Desta forma, está em contato constante com a floresta, tendo algumas de suas principais avenidas ao lado de áreas de matas fechadas.

Na frente e atrás do prédio onde morava existia um bosque que, durante o dia, servia como local de diversas brincadeiras com os amigos, mas à noite me causava medo. De tantas histórias que ouvia sobre as criaturas e seres que viviam na floresta, meu medo relacionado à floresta à noite chegava ao ponto de eu não gostar nem sequer de olhar para esse espaço, receando ver alguma coisa sobrenatural.

Quando me mudei para Belém, apesar de o contato direto com a floresta densa ter diminuído, a convivência com meus parentes mais velhos me manteve sempre muito próximo de todo o imaginário existente na região. Lembro das constantes reuniões na casa da minha tia, no bucólico bairro de Batista Campos, nos fins de tarde. Ficávamos todos sentados à mesa, na sala de jantar, e enquanto os adultos contavam as novidades de suas vidas pessoais e dos empregos, eu ouvia atento, almejando poder ocupar aquela posição – estar ali sentado contando sobre as minhas novidades. Contudo, inevitavelmente, as conversas sempre acabavam se encaminhando para o lado do sobrenatural, as vezes naturalmente, as vezes porque eu pedia. Para mim, a melhor parte dessas reuniões era poder ouvir todas as histórias que envolviam os seres encantados das florestas e rios e aparições nas ruas da cidade, nas regiões próximas daquele bairro. Os encantados são sobrenaturais que pertencem ao mundo da floresta e dos rios (estes conhecidos como “povos/gente do fundo”). Sua origem é desconhecida e seus objetivos e poderes se assemelham aos orixás presentes no estado da Bahia. Alguns pajés da região podem fornecer um contato mais próximo com esses seres, sendo a dona Zeneida Lima, moradora de Soure (Marajó) uma das mais conhecidas ainda viva¹.

Sensacional, para mim, era poder, no dia a dia, percorrer esses locais no caminho para a escola, ou para o shopping, ou em um passeio sob as mangueiras do centro da cidade. Eu

¹ Para um maior conhecimento sobre esses personagens fantásticos da Amazônia, ver: LIMA, Zeneida. **O mundo místico dos caruanas e a revolta de sua ave**, 1998.

experimentava tais espaços sempre relacionando-os aos contos que ouvia e criava sobre eles uma nova significação. Daí essa ideia de ressignificar um espaço ser algo que discutirei um pouco no capítulo 1 e, de forma mais aprofundada, no capítulo 3.

Neste contexto surge a presente pesquisa. Optei por aliar os meus estudos historiográficos a um tema que tanto me deleita. Para que esta monografia se tornasse viável, foi imprescindível a leitura da dissertação do antropólogo paraense Walcyr Monteiro, convertida no livro *Visagens e Assombrações de Belém*. A pesquisa de Monteiro inicialmente destinava-se ao estudo do Culto das Almas em Belém, mas terminou por ir além e abarcar muito da tradição do imaginário que permeia o imaginário sobrenatural naquela cidade. Além da pesquisa feita por ele, o livro traz uma compilação de histórias e lendas contadas em diversas partes da cidade durante o século XX. Foi a partir da leitura dessas histórias que comecei a pensar e me questionar sobre o quanto a crença em um objeto, no caso o sobrenatural, influencia a vida de uma pessoa ou de um grupo de pessoas.

Mitos e lendas fazem parte dos elementos culturais que asseguram a identidade de um povo e são capazes de dar sentido às suas práticas sociais. Portanto, a ideia de mito estará sempre em todos os capítulos desta monografia. Para delinear-la ao nosso objetivo, utilizamos a compreensão do filósofo Edgar Morin, a qual o mito é entendido como um agente da história, um objeto mediador de relações humanas e transgressor dos limites de espaço e tempo. A complemento desse entendimento, utilizaremos a também filósofa Mary Midgley, que procura se concentrar na ideia de que as visões imaginativas do ser humano são essenciais para sua compreensão do mundo. Por isso, os mitos não devem ser tomados como mentiras ou histórias neutras, mas como “modelos imaginativos, redes de símbolos poderosos que sugerem maneiras particulares de interpretarmos o mundo, moldando seu significado”²

Na região amazônica, mais precisamente no perímetro urbano da cidade de Belém, as tradições folclóricas permeiam a vida da população. De acordo com a antropóloga Eunice Durham,

o folclore constitui um sistema de representações – costumes, tradições, crenças, mitos e formas de manifestação artística – que exprimem um modo de vida particular, um meio de interpretar a realidade social e o ambiente geográfico, de ordenar a vida em sociedade e de exprimir os valores básicos da cultura. Os elementos do passado só persistem na

² MIDGLEY, Mary. Como os mitos operam. In: _____. **A presença dos mitos em nossas vidas**, 2014. p. 21. Midgley considera que as visões imaginativas são partes necessárias do pensamento humano e entende o mito, uma vez significado por essas visões imaginativas, como operadores centrais das ciências atuais. Já sobre as questões produzidas por e para o homem, sobretudo no que diz respeito às mentalidades e sua influência sobre as ações sociais, em Edgar Morin, ver: MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**, 2014.

medida em que podem expressar realidades presentes e só se conservam enquanto integrados em sistemas. (DURHAM, apud. MONTEIRO, 2000, p. 11)

Assim, algo que sempre notei em minhas leituras sobre o tema em Belém e rememorando as histórias que ouvia na infância era que determinados espaços públicos da cidade eram também reapropriados por grupos de pessoas, sendo associados à perspectiva de medo, o que chegava a influenciar o cotidiano dessas pessoas. Eram espaços proibidos de passar em determinadas horas do dia e da noite, que causavam temor e que, de certa forma, eram também respeitados. Logo, pretendo analisar discursos que forneçam a possibilidade de entender tais espaços como locais (também) associados ao medo. Para isso, tentei elucidar as condutas dos personagens míticos que se acreditavam presentes nesses locais, bem como a memorização de um grupo de moradores da região em relação aos mitos urbanos.

O governo federal foi o principal agente definidor de estratégias de interferências na Amazônia, a partir dos anos 1950, as quais auxiliaram nos processos de transformação urbana das grandes cidades. A lógica desenvolvimentista do governo, sobretudo com a construção da rodovia Belém-Brasília abriu um fluxo migratório crescente para as cidades de médio e grande porte de estados da região, como o Pará – novas oportunidades de mercado e trabalho; transformação do espaço urbano das cidades existentes; aumento das desigualdades sociais e da pobreza. Os Planos de Desenvolvimento da Amazônia (PDAs), frutos de ações de lógicas desenvolvimentistas do Estado, que visavam o investimento principalmente na produção em larga escala e indústria acabou por dificultar a economia de pequenos municípios, o que acarretou na migração de parte das populações desses locais para cidades maiores, como Marabá, Parauapebas (Carajás) e Belém. Os processos de intensa migração e a aplicação dos PDAs seguiram até os anos 1980 (CASTRO, 2009).

Belém recebeu, ao longo desses anos, moradores de diversas partes do país, vindos de cidades, vilas e do campo, em um movimento constante de busca de novas e melhores oportunidades econômicas (CASTRO, 2009). Por isso, acredito ser interessante analisar as crenças e experiências de mitos e medo entre as décadas de 1950 e 1980, por ser um período de muitas transformações urbanas em Belém: crescimento industrial, retorno do crescimento econômico da cidade – que não havia retomado um aumento desde o ciclo da borracha, na década de 1910 – e a inserção de novos moradores na cidade, tanto (e principalmente) nas áreas periféricas quanto no centro, objeto do presente estudo, que era a região com maior e melhor infraestrutura urbana.

Para isso, me utilizei de três grupos de fontes: entrevistas de indivíduos que viveram a época do recorte temporal que estou propondo para esta pesquisa (1950 – 1989); pesquisas acadêmicas já desenvolvidas sobre o folclore paraense, sobretudo da cidade de Belém; e notícias de jornais e revistas sobre o tema, existentes tanto no acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna, na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR). Trata-se de narrativas que dão conta de uma série de histórias de assombrações, visagens e aparições³ que fizeram parte do cotidiano de diversas pessoas. Trabalhei com recortes dos periódicos *O Liberal*, *A Província do Pará* e *Diário do Pará*.

O trabalho com a história oral foi fundamental para a construção desta monografia. A análise das memórias do grupo de colaboradores foi fundamental para que os dados orais pudessem ser cruzados com escritos relacionados a esse tema, por isso entendemos essa investigação como uma história oral híbrida – uma vertente historiográfica entendida por José Carlos Sebe Bom Meihy como algo que vai “além do uso exclusivo das entrevistas, além das gravações e promover a mescla de análises derivadas das entrevistas cruzadas com outros documentos” (MEIHY, 2011). Ainda de acordo com a perspectiva de Meihy, foi trabalhada a tradição oral, compreendida como:

uma das mais complexas e raras expressões da história oral. [...] Cabe lembrar que as memórias transmitidas pela fala não favorece exatidões de dados quantitativos e nem se pode exigir dessas narrativas a confiabilidade nos detalhes. Quando se trata de histórias transmitidas através de várias gerações, elementos subjetivos interferem de maneira a fazer esse tipo de narrativa algo específico. (MEIHY, 2001, p. 91)

Porém, o que foi buscado nesta pesquisa era exatamente essa subjetividade rememorada. Foi essencial entender as representações das lembranças para verificar como esses espaços eram entendidos e significados para esse grupo das quatro mulheres entrevistadas:

Mesmo em sociedades modernas, regidas por máquinas, há casos em que a reserva mítica aflora como recurso explicativo. Estudos de bairros, cidades ou mesmo regiões evocam eventualmente situações interessantes. [...] Um conjunto de mitos ajuda nos pressupostos abertos à construção de documentos e da análise das tradições orais. (MEIHY, 2011, p. 93-94)

³ A relação destes conceitos com os relatos orais estarão delineados e aplicados ao longo do capítulo 3, durante a análise dos relatos.

Quando terminei o projeto desta monografia, selecionei um grupo de colaboradores⁴. Trabalhei com quatro mulheres com idades entre 50 e 60 anos, que rememoraram suas experiências vivias e ouvidas durante a infância e juventude. Todas moraram, durante a infância e juventude (anos 1950 – 1970) em bairros centrais. Sylvia Torres morava no bairro do Guamá, Carlota das Graças e Maria Auxiliadora moravam no bairro de Batista Campos e Maria José no bairro de São Brás⁵.

Nos três capítulos deste trabalho, bem como ao longo das entrevistas realizadas, há a utilização dos termos assombração, visagem e aparição. O primeiro diz respeito a uma entidade que afeta fisicamente e mentalmente quem a avista; o segundo não causa nenhum dano à pessoa, no máximo uma sensação de mal-estar; e o terceiro comumente é associado a atos miraculosos, às almas pelas quais se oram no Culto das Almas. Este uso, no entanto, não é generalizado (MONTEIRO, 2000).

Sendo assim, no primeiro capítulo pretendemos explorar a cidade a partir da atmosfera dos mitos, mostrando o quanto as relações entre a população e os veículos de divulgação de notícias se faziam presente no cotidiano da cidade. Também demonstramos situações de aumento populacional e de urbanização a partir da segunda metade do século XX, que nos fazem pensar sobre a inserção e apropriação, bem como a transformação de ideais e tradições que vinham do interior do estado para a capital.

No segundo capítulo, procuramos relacionar alguns conceitos como o de mito e espaço mítico à ideia de memória e medo, aplicando-os aos recortes de jornais selecionados e aos discursos dos colaboradores nas entrevistas, o que nos leva ao capítulo 3, no qual demonstramos trechos das entrevistas realizadas, analisando-as e empregando os elementos discutidos no capítulo anterior ao discurso representativo das memórias de cada uma, criando as bases para entender a existência de espaços públicos associados ao medo no centro da cidade Belém.

Finalmente, o que pretendo demonstrar nesta pesquisa, é como o medo no (e do) sobrenatural fez parte da vida de indivíduos, moradores do centro da cidade. Como o medo e a crença em seres sobrenaturais influenciaram o imaginário desses indivíduos e influenciou nas experiências cotidianas em espaços públicos de Belém. Com isso, procuro deixar a minha pesquisa como um acréscimo aos trabalhos dedicados aos aspectos culturais da cidade –

⁴ De acordo com Meihy, o processo de elaboração da história oral ocorre por meio de uma colaboração entre o(s) entrevistador(es) e entrevistado(s). “O conceito de ‘colaboração’ fundamenta-se em um procedimento ético e remete ao respeito com o entrevistado que não merece ser visto como ‘objeto’”. MEIHY, José Carlos Sebe B. *Alteridades em História Oral*. In: _____. **Guia prático de história oral**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 25.

⁵ Os mapas com os bairros do centro delimitados estão na pág. X do capítulo 1.

trabalhos que ambicionam validar as perspectivas culturais e da mente (especialmente, no nosso caso, relacionadas ao imaginário regional) como fatores tão fundamentais quanto os sociais, políticos e econômicos para se conhecer e se pensar mais a história de Belém do Pará.

CAPÍTULO 1 – A CIDADE DE BELÉM E SEUS MITOS NA VOZ DA IMPRENSA

Em Belém, na madrugada do dia 12 de janeiro de 1970 começou como outra qualquer. As pessoas já estavam dormindo e se preparando para festejar, de manhã, o aniversário de 364 anos de Belém. De repente, o que se vê nas ruas da cidade são pessoas agoniadas, assustadas, apavoradas. Gente de pijama correndo para fora das suas casas tentando entender o que acabara de acontecer.

Belém acabara de sofrer um tremor de terra, algo nunca antes sentido por sua população. Não faltaram explicações de “cientistas improvisados”⁶ e os jornais na manhã do dia 13 trouxeram a público tais explicações: castigo divino, consequência da viagem à lua, bombas chinesas e, finalmente, a cobra grande – boiúna – que havia se mexido (MONTEIRO, 2000).

Vamos então explicar essa última ideia. Desde tempos da fundação da cidade, conta-se que a cobra grande habita o subterrâneo do local, dormindo um sono profundo e duradouro. Acredita-se que se um dia a cobra acordar e se mexer a cidade ruirá e será engolida pelas águas da baía do Guajará. Segundo a lenda, a cabeça da cobra está localizada sob a Catedral da Sé, no bairro da Cidade Velha – marco de fundação da cidade – e sua calda está embaixo da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, no centro. Para o folclorista José Coutinho, a representação da cabeça da cobra sob a catedral é simbólica, uma vez que se associa a figura de Nossa Senhora, cuja imagem encontra-se na Catedral da Sé, esmagando a cabeça deste ser mítico, a cobra, que tanto transpõe um ideal de negatividade sob a crença cristã – sendo a cobra associada ao diabo.

A madrugada do aniversário da cidade de Belém trouxe de volta as interpretações, os medos e a crença nessa específica lenda. Os jornais *O Liberal* e *A Província do Pará* expuseram nas manchetes do dia seguinte o quanto as pessoas se assustaram com o fato, bem como as referidas causas e explicações acerca do deslocamento e as pesquisas que estavam sendo feitas para se localizar o epicentro do terremoto, sentido em cidades próximas e distritos da capital, como Abaetetuba e Vigia, Mosqueiro e Icoaraci, respectivamente.

Razão para narrar esse fato é o intuito de mostrar que os habitantes de Belém já estiveram em muito, numa época, muito associados ao mundo de lendas e visagens que se perpetuava no imaginário amazônico.

⁶ *A Província do Pará*. 13 jan. 1970. p. 8.

Belém foi fundada em 1616, na foz do rio Amazonas, às margens da baía do Guajará (formada pelo encontro dos rios Guamá, Acará e Pará)⁷. Sua história esteve sempre associada ao elemento das águas. Os rios foram os principais meios de transporte de ida e vinda da cidade, eram os caminhos, as estradas naturais que percorriam toda a Amazônia e facilitavam o acesso a locais ermos (as ligações por terra entre os municípios só começaram a surgir a partir do século XVII. A estrada de ferro de Bragança, uma ferrovia que ligava o centro de Belém ao centro de Bragança, no nordeste do estado, próxima ao litoral, só teve início a partir de 1883, terminando suas obras apenas em 1908)⁸.

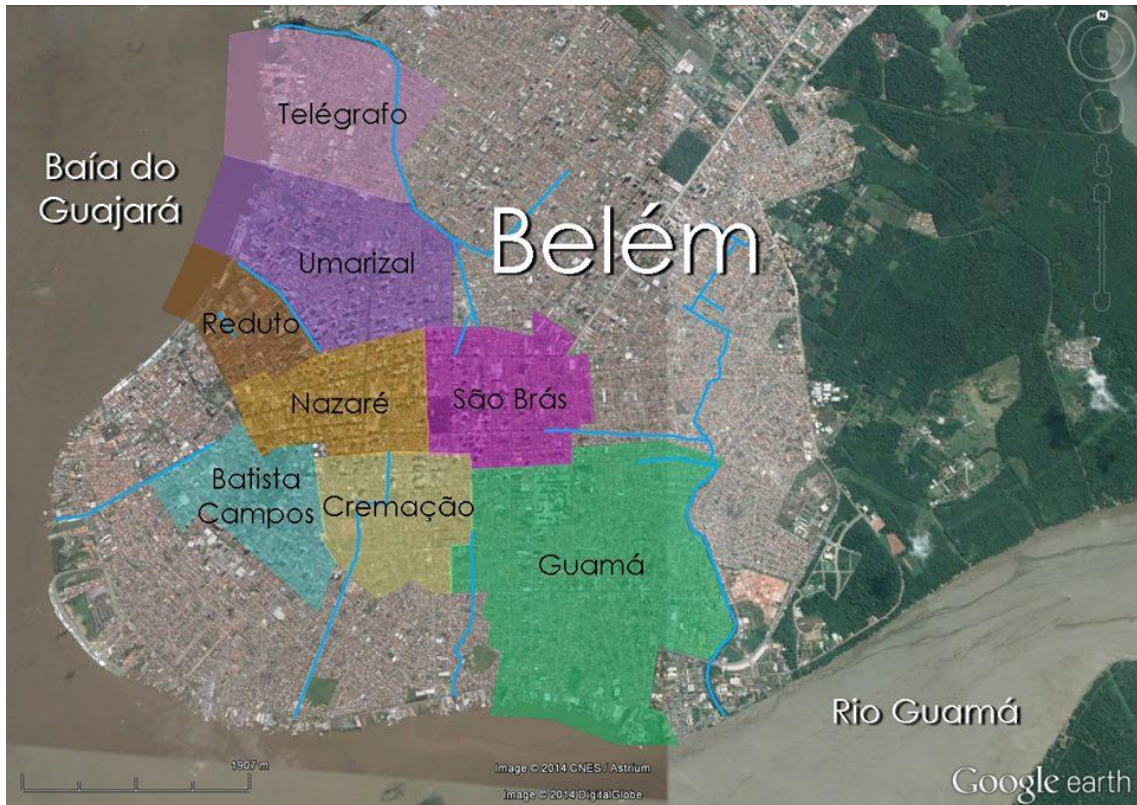
O rio se desenvolveu paralelamente à cidade. Belém crescia “de costas pra o rio”, relegando-o a um espaço de negação. As áreas próximas ao rio, a partir do processo de ocupação, habitação e urbanização eram marginalizadas, empobrecidas, periféricas ou apenas locais de passagem, um entreposto para entrada e saída da cidade⁹. A concentração da estrutura urbana estava no centro. A política de urbanização e saneamento, concretizada pelo intendente de Belém Antônio Lemos no início do século XX, na qual as áreas centrais da cidade – bairros de Nazaré, Batista Campos, São Brás, Umarizal e Reduto, expostos no mapa a seguir – foram privilegiadas, especialmente com a intensa arborização com a plantação de mangueiras, originárias da Índia. A paisagem urbana do centro transformou-se profundamente com, também, a construção de palacetes residenciais, quiosques de rua, cafés, praças e a abertura de avenidas, como a (à época, no final do século XIX) estrada de Nazareth (SARGES, 2002). De acordo com Edna Castro, durante os primeiros anos da República brasileira ocorreu o primeiro padrão de ocupação e povoamento da região amazônica, a partir de um modelo de expansão urbana que ocorria ao longo dos rios, tendo como o principal o rio Amazonas (CASTRO, 2009).

⁷ Ver mapa.

⁸ Enciclopédia dos municípios brasileiros, 1957.

⁹ CAMPELO, Marilu Marcia. Conflito e espacialidades de um mercado paraense. In: LEITÃO, Wilma Marques (org.). **Ver-o-Peso**: estudos antropológicos no mercado de Belém. 1 ed. Belém: NAEA, 2010. p. 41-68.

Mapa 01 – Bairros centrais da cidade de Belém do Pará



Fonte: Elaborado por Rudá Silva de Pinho, com base no programa de georreferenciamento Google Earth.

Ao longo do século XX, a elite local se concentrava no centro. Em decorrência desse aspecto, até os dias atuais esses bairros figuram dentre os com o maior custo de vida de Belém. Já os bairros formados às margens dos rios versam como grande parte da periferia da cidade, com duas exceções: o Reduto, transformado nos anos 20 em bairro operário, repleto de fábricas¹⁰ e o Umarizal, que recebe uma abrupta transformação em sua estrutura na década de 1970¹¹.

Este último bairro inaugurou um vigoroso processo de verticalização que modificou demasiadamente o seu desenho urbano a partir do final dos anos 1970, o que fez emergir, no

¹⁰ No artigo *História e memória de um bairro operário: Reduto – 1910-1930*, Rosana Padilha de Sousa descreve que, com a crise da economia da borracha, nos anos 20, houve uma canalização de investimentos sobre a atividade industrial de Belém e, por causa de sua localização próxima ao porto, o bairro do Reduto se tornou um espaço de atração às instalações de fábricas. SOUSA, Rosana Padilha de. *História e memória de um bairro operário: Reduto – 1910 – 1930*. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 24, 2007, São Leopoldo, RS. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

¹¹ Venize Nazaré Ramos Rodrigues, no artigo *Bairro e Memória: Umarizal das vacarias aos espigões (Belém 1950-2000)*, faz um traçado das modificações do bairro do Umarizal a partir da memória de antigos moradores locais. Para mais informações, ver RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. *Bairro e Memória: Umarizal das Vacarias aos espigões (Belém 1950-2000)*. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 27, 2013, Natal, RN. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social. Natal: ANPUH, 2013.

tradicional bairro de moradias, um espaço de serviços e habitado por uma nova e crescente classe média. Surgiu por volta de 1880, com a abertura de algumas vias pelo então Intendente Municipal, José da Gama Malcher, e adquiriu uma identidade de bairro periférico, o qual era repleto de valas, capins, aningais e enchentes, uma vez que situava-se às margens da baía do Guajará (RODRIGRES, 2013).

Os rios eram vistos como um espaço de movimentação e foram incorporados como eixos dos avanços das fronteiras do território amazônico e também atuaram como importantes – os principais – eixos das redes econômicas, até a construção das rodovias na região (CASTRO, 2009). O incentivo à urbanização que ocorria no centro da cidade estava longe do rio Guamá e da Baía do Guajará¹².

Na bandeira da cidade há a representação de dois braços, um sustentando uma cesta com flores e o outro, uma cesta com frutas, o que simboliza a fertilidade das terras, por causa dos grandes rios, possuindo, abaixo da imagem a legenda “VER EAT AE TERNUM” e “TUTIUS LATENT”, referentes ao rio Amazonas e Tocantins, onde “tudo são maravilhas” que estão escondidas das vistas de exploradores¹³.

Não à toa, Ruy Barata e Paulo André Barata compuseram “*esse rio é minha rua*”, imortalizada na voz de Fafá de Belém, uma homenagem aos caminhos fluviais que se tornaram a principal via para o abastecimento em Belém de frutas, peixes, carne vermelha e cultura. A força cultural do mito, que delinearemos com maior profundidade no capítulo 2, deixou uma marca forte nas propagações musicais e literárias, haja vista os belíssimos escritos de Dalcídio Jurandir¹⁴ e nas estonteantes crônicas de Eneida de Moraes¹⁵. Cultura por ser a principal via de entrada, na cidade, durante anos. Os povos do interior que chegavam a Belém levavam consigo um pouco dos seus costumes e das características locais, bem como as vivências, histórias e, claro, as lendas. Para o folclorista José Coutinho de Oliveira,

¹² Somente a partir da década de 1980 a construção de edifícios começou a ocorrer com um planejamento de os apartamentos terem uma vista para o rio. Não é incomum ainda hoje encontrarmos prédios cujos fundos dos apartamentos estão para o rio. Por isso, é um costume se dizer que Belém foi uma cidade que cresceu de “costas para o rio”. A ideia do crescimento da cidade “de costas para o rio” está presente no pensamento de Gilberto Freyre, aplicada por ele a Recife, na obra *Nordeste*.

¹³ Prefeitura de Belém. Símbolos. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/>. Acessado em 20/10/2014. Não consegui até o momento encontrar a tradução literal das duas expressões.

¹⁴ Dalcídio Jurandir (1909 – 1970) escreveu e publicou uma coletânea de livros que formaram o “ciclo do Extremo-Norte”, entre 1948 e 1978, composto por 13 obras que retratam o cotidiano do garoto Alfredo, desde sua infância no Marajó até sua vida adulta em Belém, perpassando tradições, práticas e crenças dos interiores e da capital do Pará.

¹⁵ A jornalista paraense Eneida de Moraes (1904-1971) publicou em vida duas obras recheadas de crônicas que abarcam, dentre tantas memórias, os costumes da infância em Belém, bem como as crenças e práticas culturais relacionadas à ervas amazônicas: *Aruanda* (1957) e *Banho de Cheiro* (1961).

Filha da imaginação, a lenda é tanto mais bela, quanto mais soberbo e grandioso é o cenário em que se anima a ficção criadora. E haverá no mundo mais portentoso, mais estupendo e maravilhoso cenário que esta Amazônia, de incomparável beleza? (OLIVEIRA, 2007, p. 16)

Renato Almeida, ex presidente a Comissão Nacional de Folclore, complementa:

A Amazônia é uma terra de lendas. Ela própria tem um caráter lendário o guardará até que seja dominada pela ciência e disciplinada pela técnica. [...] A abundância e variedade dessas estórias são infindáveis e constituem uma das riquezas de nossa sabedoria popular. (ALMEIDA in: OLIVEIRA, 2007, p. 22)

As lendas, assim como a memória que as tornam presentes ao longo do tempo, transformam-se, modificam-se e adaptam-se. Histórias que outrora ocorriam apenas com uma família ribeirinha da região do baixo-amazonas, então se mostravam existentes próximas a um porto no bairro do Jurunas, às margens do rio Guamá. Os seres encantados¹⁶ que subsistiam nas matas fechadas do interior da província do Grão-Pará, passaram a ser vistos e ouvidos na Belém, capital do estado do Pará. Contudo, como mostra Monteiro, em *Visagens e Assombrações de Belém*, a ideia do sobrenatural na capital não somente estava interligada aos seres encantados amazônicos, mas também à fantasmas, aparições que, de acordo com a crença popular, ocupavam determinados lugares de Belém para pagarem suas penitências, fosse proteger um determinado local, fosse para “reviver” situações ou mesmo sem aparentes razões senão causar medo.

Dessa forma, Belém se mostra recheada de situações em que há a crença de que o sobrenatural recheia o espaço urbano (MONTEIRO, 2000) e, sendo assim,

[...] para o povo, tudo se deve explicar, principalmente as coisas que possuem algo de diferente, na forma ou na essência, dos astros no céu aos vermes da terra. E, quantas vezes, a ingênua solução popular não encerra observações profundas, que servem de pontos de partida para a verdade exata que a ciência descobre? É surpreendente sempre a intuição do povo.¹⁷

¹⁶ A pajé marajoara Zeneida Lima explica que, dentre toda a encantaria e pajelança existente na Amazônia, há sempre a presença de algum Caruana. Os caruanas são energias viventes sob as águas. Quando uma pessoa “se encanta”, perde sua energia de vivente, que se funde com uma energia existente nas águas, o que faz com que este ser passe por vários estágios, como uma flor ou um peixe. A partir de então, tornam-se entidades que podem ser invocadas por um pajé. De acordo com a crença marajoara, um caruana se manifesta através do cântico, da dança e pela expressão corporal. Quando chamados, utilizam-se do corpo do pajé como um canal para cumprir encargos próprios, como curar, aconselhar e/ou prever situações. Ver mais em LIMA, Zeneida. **O mundo místico dos caruanas e a revolta de sua ave**, 1998.

¹⁷ ALMEIDA, Renato. Prefácio II. In: OLIVEIRA, José Coutinho. **Imaginário Amazônico**. Organização: Ana Paula Rebelo Silva; Maria Madalena de Oliveira Rebelo; Paulo Maués Corrêa. Belém: Paka-Tatu, 2007.

De certa forma, a ideia de cultura popular, esteve por vezes atrelada ao povo, ou seja, gente pobre e pouco instruída, cujas tradições poderiam fornecer as bases para o aprofundamento e desenvolvimento de explicações racionalizadas cientificamente. Contudo, este imaginário, em Belém, não estava restrito a apenas uma parcela pobre e pouco instruída da população.

Portanto, escolhemos trabalhar com a perspectiva de que a cultura popular surge da construção de uma história das resistências, da inovação e da criatividade do imaginário coletivo (VOVELLE, 1991). Denys Cuche observa uma ambiguidade semântica à noção de cultura popular, uma vez que o “popular” pode denotar diversos significados. Para ele, em primeiro lugar há de se pensar o conceito de culturas populares, em oposição ao de cultura popular, uma vez que não são formadas por elementos homogêneos. Segundo, são frutos de grupos sociais subalternos que as constroem a partir de uma “reunião de elementos originais e importados, de invenções próprias e de empréstimos” (CUCHE, 1999, p. 149). Dessa forma, as culturas populares não poderiam ser vistas como culturas originais, já que “assumem funções integradoras, pois são facilmente ‘cooptáveis’ pelo grupo dominante” (CUCHE, 1999, p. 150). A partir do momento em que o imaginário coletivo se faz muito pertinente do cotidiano de um povo, diversos grupos sociais podem se envolver dentro desse imaginário, especialmente quando o folclore está envolvido.

Em 12 de maio de 1987, a poucos dias do fim do mandato de Jader Barbalho como governador, a coluna Repórter 70, do jornal O Liberal publica a seguinte nota:

A família do governador Jader Barbalho, na iminência de deixar o palacete residencial dos governadores [...] vai ficar livre de noites mal dormidas porque, no Palacete, não tem faltado quem esteja ouvindo, à noite, ruídos de geladeira sendo aberta, barulho de livros caindo ou outros sinais de assombrações. Há mesmo quem, mais antigo na casa, tenha visto um vulto sentado em uma cadeira de balanço, a embalar-se em um dos pátios, logo identificando-o com o governador Fernando Guilhon, que tinha esse hábito quando ocupou o Palacete.¹⁸

O que observamos, então, é que o discurso e a difusão do imaginário sobrenatural transcendia as camadas sociais da população e se faziam presentes também em personagens da política do estado do Pará. Ainda na mesma coluna, é informado que as “assombrações” no Palacete Magalhães Barata eram acontecimentos comuns sempre no período que antecedia a

¹⁸ Repórter 70. **Diário do Pará**. 12 mai. 1987.

troca de governadores. O mesmo havia acontecido com o governador anterior, Alacid Nunes e com seu predecessor, Jarbas Passarinho.

Para Walcyr Monteiro, o foco principal das crenças nas lendas e no sobrenatural como um todo está na formação étnica amazônica que, como a do resto do país está centrada na miscigenação de brancos portugueses, negros africanos e indígenas.

O nativo indígena presenteia a região com a maior cota desta formação de etnias. Arthur César Ferreira Reis informa que na região amazônica, brancos e negros não se reproduziram em uma escala muito significativa, ao contrário de brancos e índios, cujo cruzamento cultural e sexual tem seus frutos nas mais diversas áreas habitadas da região norte. Monteiro ainda menciona o Alvará de 4 de abril de 1755 e algumas “instruções posteriores”, as quais indicavam a preferência aos cargos públicos àqueles portugueses que casassem com mulher indígena.

No documento referido, D. José I, afirma que os que casarem com as índias da América “não ficam com infâmia alguma, antes se farão dignos de minha real atenção”¹⁹. Em seguida, o rei afirma que os filhos originários dessas uniões seriam igualmente respeitados, bem como herdariam a capacidade de conseguir qualquer emprego, ter honra e dignidade. O mesmo seria aplicado às portuguesas que se casassem com índios e seus descendentes.

Essa junção predominante entre brancos e nativos causa, em um primeiro momento, um choque de crenças e, posteriormente, a sobreposição do cristianismo às divindades indígenas. Contudo, o que se constata é a incorporação de diversos elementos de cada uma dessas crenças na outra. Desde que o português iniciou sua aventura por dentro do “inferno verde” e teve o primeiro contato com o índio, sua imagem e aparência tão diferentes tornaram-se algo idílico, sendo, inclusive, perpetrados no imaginário dos nativos, como bem expôs José Coutinho de Oliveira, em *Imaginário Amazônico*.

Do outro lado, a ótica cristã teve em seu meio a penetração da crença e do medo em certos elementos, personagens ou lugares, pensados como encantados, pelos índios. Daí existirem pequenas cidades nos interiores, povoados, vilas às margens de algum rio ou cortada por igarapés e cercada de mata fechada, cuja maioria da população era católica, com costumes de ir às missas todo domingo, em que uma parcela dos seus habitantes evitava passar depois da meia noite na frente do cemitério, ou que acreditavam na história do boto, que nas noites de baile, saía do fundo das águas transformado em um belo rapaz vestido de branco, cujo

¹⁹ Alvará de 4 de abril de 1755. Disponível em: <<http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/Alvar%C3%A1%20R%C3%A9gio%20de%204%20de%20Abril%20de%201751.pdf>>. Acessado em 02 nov. 2015.

propósito seria apenas o de conquistar uma moça, levá-la ao fundo da água e engravidá-la. Não raros são os casos de adolescentes que colocaram a razão de suas gravidezes no boto.

Em vista disso, os cruzamentos culturais chegam à capital, o mais importante centro econômico do estado, atraente para gente de todas as regiões do Pará e de estados fronteiriços (em especial Amapá, Maranhão e Amazonas). Logo, para a análise da crença no sobrenatural, um breve panorama sobre as formações religiosas dos moradores de Belém se faz importante para a pesquisa. Opto, aqui, por tratar deste assunto como crença no sobrenatural, pois tanto na historiografia quanto no imaginário popular e, especialmente na região amazônica, termos como fantasmas, espíritos, almas penadas, visagens, assombrações, espectros e aparições possuem uma significação própria, que serão delineadas nas próximas páginas. Assim, por todos formarem ideias que se encaixam à formas não naturais, não convencionais, superiores àquilo o que é conhecido pelo homem na natureza, coloco-os nesta pesquisa sob a redoma conceitual de sobrenatural.

O antropólogo Eduardo Galvão apresenta, em *Santos e Visagens* um estudo sobre a vida religiosa de Itá, no Amazonas, na qual se observa que a descrição dessa vida religiosa não estaria completa se, além do catolicismo, outras crenças, em especial as arraigadas na mente do caboclo, não forem também compreendidas. É uma ideia também aplicável à Belém (MONTEIRO, 2000) e, dessa forma, pensar além das religiões de matriz cristã nos dá um leque mais completo para interpretar como esse fator sobrenatural no imaginário.

Nas três etnias que compuseram a formação do homem amazônico é possível o encontro de ingredientes que reforçam a ideia das manifestações sobrenaturais. Católicos acreditam em almas penadas, ainda em processo de procura da paz e que precisam pagar/cumprir alguma penitência; dentre os negros africanos, a ideia de alma e o seu “penar” também existiam e, para isso, Monteiro cita Protásio Frikel, em um estudo realizado na Bahia “sobre os traços essenciais da doutrina e crença afro-baiana sobre a alma”. Em alguns adágios, provérbios populares de matriz africana há a de que a alma deve penar até se purificar “Quem, portanto, viveu mal no tempo de sua encarnação, por castigo deve vagar pelo espaço como espírito mal” (FRIKEL, apud. MONTEIRO, 2000, p. 224).

Quanto aos indígenas, a crença pode ser verificada por meio do estudo de Charles Wagley sobre os índios Tapirapé. Eles acreditavam que uma “multidão de espíritos” permeava o imaginário dessa etnia indígena no sobrenatural. Eram espíritos conhecidos como *ancúnga* e desmembravam-se em dois tipos: os espíritos *ancúnga iúnwera*, nada mais do que almas; e entidades perversas de formas heterogêneas. De acordo com os tapirapé, os *ancúnga*

iúnwera viviam em aldeias abandonadas e vagueavam a noite, principalmente quando a temperatura caía, procurando o calor das aldeias e vilas habitadas pelo homem.

A formação étnica dos homens que compõem a região amazônica é descrita por Fraxe, Witkoski e Miguez como reminiscências de sujeitos sociais distintos: ameríndios, negros, nordestinos e europeus de diferentes nacionalidades (portugueses na maioria, mas também holandeses e espanhóis²⁰).

Maria Anunciada Chaves, no artigo *Notas sobre o povoamento da Amazônia*, escreve que a região é “a mais portuguesa das terras brasileiras e a mais cabocla das regiões naturais do país”. Conforme a autora, os índios e seus descendentes caboclos (fruto da miscigenação com os portugueses) adaptaram-se às peculiaridades regionais. Outros povos estrangeiros também se fizeram presentes na região, moldando o atual caráter étnico, como espanhóis, sírios e, mais recentemente, os japoneses²¹.

Para se discutir os últimos 50 anos do século XX em Belém, é importante se pensar sobre o desenvolvimento de toda a região norte do país, que vivia um contínuo crescimento de sua população urbana. Para os pesquisadores Thomas Mitshein, Jadson Chaves e Henrique Miranda, esta foi

uma tendência ligada às políticas de integração da Amazônia no espaço da economia (inter)nacional, que começaram a ser implementadas, de maneira sistemática, pelo Estado Nacional, a partir dos anos 60 do século 20. (MITSHEIN, CHAVES e MIRANDA, 2006, p. 17)

A formação e ampliação dos núcleos urbanos das cidades ocorreram por causa de uma “valorização estratégica” (MORAES e COSTA, 1984) da região: a exploração de infraestrutura da grande quantidade de recursos naturais. Contudo, estes autores acreditam que tais funcionalidades, por si só, não expressam a real ordenança para o crescimento populacional exasperado dos núcleos urbanos da região e lembram que alguns elementos como a crise da dívida externa, encargos da crescente dívida interna e a redefinição das funções e do tamanho do estado contribuíram para que o “poder de fogo”, baseado na

²⁰ Os três autores comentam sobre os diferentes grupos locais que deram origem aos homens amazônicos, sejam ribeirinhos, caboclos, seringueiros etc, para discutir sobre o ser um homem na região amazônica, abordando temas relacionados à construção da identidade regional. Ver mais em: FRAXE, T.; MIGUEZ, S.; WITKOSKI, A. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. **Ciência e Cultura**. São Paulo, vol. 61, n. 3, 2009. Disponível em: < http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000300012>. Acessado em: 12 nov. 2015.

²¹ Maria Anunciada Chaves apresenta um panorama geral sobre o povoamento na Amazônia, enfocando no estado do Pará. Para mais informações, ver: CHAVES, M. A. Notas sobre o povoamento na Amazônia. **Revista Estudos Amazônicos**. Belém, vol. 4, n. 2, 2009. p. 153-161. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/pphist/estudosamazonicos/arquivos/artigos/7%20-%20IV%20-%202%20-%202009%20-%20M%20Anunciada%20Chaves.pdf>>. Acessado em: 12 nov. 2015.

disponibilidade de recursos financeiros, desfalecesse de forma abrupta. Num âmbito nacional, as disputas por recursos públicos disponíveis cresceram, uma vez que uma forte característica eram as marcantes disparidades regionais. Logo, o desequilíbrio econômico regional atesta um expressivo êxodo rural, que culmina em um aumento sem controle da população das zonas urbanas amazônicas.

Nada mais que uma relação de causa e efeito. As políticas de desenvolvimento da região não possuíam técnica e recursos financeiros necessários para suprir as disparidades criadas por elas mesmas. Esse modelo de desenvolvimento regional tornou-se conhecido como Modelo de Crescimento Desequilibrado Corrigido – o desequilíbrio estava com o favorecimento de determinados setores, como o mineral, madeireiro, pesqueiro empresarial, eletrotérmico e pecuário, e a correção estaria na intervenção por parte do próprio Estado afim de superar as distorções sociais e econômicas causadas pelo grande incentivo àqueles setores específicos (MITSHEIN, CHAVES E MIRANDA, 2006).

A partir de então, as capitais amazônicas receberam um enxerto populacional fora do comum, especialmente as duas maiores, Manaus e Belém. A cidade de Belém, após cerca de 30 anos vivenciando diversas crises econômicas – devido o fim da economia borracheira – volta, a partir dos anos 1950, a crescer em um ritmo acelerado, que na década seguinte atingiu enorme velocidade. A precariedade da infra-estrutura no interior e a crise na produção agroextrativista em todas as regiões do estado, causadas pela concentração fundiária, expansão da pecuária e um quase inexistente atendimento à agricultura familiar aproximaram a ideia de mudança populacional para os centros urbanos mais desenvolvidos e chamativos, dentre os quais Santarém, no oeste do estado, região conhecida como Baixo Amazonas, Marabá, no sudeste paraense e o nosso objeto de estudo, Belém, a capital que está situada no nordeste do Pará.

Essas cidades se tornaram importantes no processo de transformação regional pelos serviços oferecidos e pela infraestrutura, bem como os processos de urbanização caracterizaram, em parte, a espacialização da população, intensa e acelerada, inserindo mudanças na estrutura do povoamento regional. As cidades sofreram uma reorganização do seu papel (CASTRO, 2009). Afinal, com uma população que crescia de forma vertiginosa em um curto período de tempo, diferentes tradições, culturas e experiências, bem como visões de mundo, eram introduzidas nessas cidades.

O resultado disso foi uma assustadora explosão demográfica na capital. Em 1990, após 40 anos do início dessas migrações, a população da cidade de Belém havia crescido cerca de

150%, com mais de um milhão de habitantes²². Enquanto mais pessoas chegavam à cidade para fixar moradia, a prefeitura e o governo do estado corriam para aplicar um mínimo de qualidade de vida para essas pessoas e para as novas áreas da cidade que estavam surgindo (MITSCHHEIN, CHAVES e MIRANDA, 2006).

Desse modo, acreditamos que a adição de tantas pessoas provocou, dentro da cidade, uma explosão de experiências e experimentações que se anexaram às já existentes naquele meio urbano e se transformaram em algo a mais. O que queremos dizer com isso é que as tradições e histórias antes contadas nos mais diversos interiores do estado, estavam então em contado com o ambiente da cidade, muito diferente e, por isso, aliaram na sua essência alguns elementos de cada espaço, convertendo-se em uma nova experiência, em um novo conto. A exemplo disso, Monteiro nos brinda, em sua dissertação, com histórias sobre mães d'águas e matintas pereiras, tidas principalmente no interior, em casas no meio da mata e em igarapés, que a partir dos anos 1950 começam a ser contadas na cidade Belém. A complemento, veremos em uma das entrevistas, no capítulo 3, que a dona Maria José, também nesta década, quando era criança, ouvia histórias de senhoras que eram “matintas” no bairro do Guamá – periférico, o que mais cresceu na cidade durante o período de problemas de aplicabilidade desse Modelo de Crescimento Desequilibrado Corrigido.

Nos dias 11 e 12 de janeiro de 1970, o jornal *A Província do Pará* publicou uma reportagem especial em comemoração aos 354 anos da cidade de Belém, ressaltando os grandes avanços que a cidade, finalmente, estava vivendo. Manchetes chamativas com “Um milagre: o saneamento”, “Bem perto do fim de um tormento: telefone” e “Previdência social do município é completa” felicitavam os governantes pelas obras que estavam trazendo o progresso para a população da cidade. Neste mesmo ano, a rodoviária da cidade fora edificada no bairro de São Brás, onde outrora havia existido a estação de trem, início da extinta e tão memorada rota Belém-Bragança.²³ As ruas e avenidas também ganhavam novos ares e seus projetos visavam muitos aperfeiçoamentos. Como noticiou o jornal *A Província do Pará*,

As grandes avenidas e rodovias de Belém estão projetadas sob as mais modernas técnicas, de modo a permitir um tráfego perfeito e uma imagem perfeitamente sintonizada com o futuro. [...] Esse projeto de perfeição técnica, e o progresso requer o capricho urbanístico que se antevê.²⁴

²² Em 1950, Belém contava com 254.949 habitantes, número que salta para 1,24 milhão em 1990. Disponível em <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>>. Acessado em: 25 out. 2014.

²³ *A Província do Pará*, 11 e 12 de janeiro de 1970.

²⁴ Idem.

A cidade apresentava-se como um complexo de informações que envolvia tanto a região metropolitana, quanto o campo rural dos municípios que estão intrínsecos a partir de uma economia urbano-regional. De acordo com Rosane Azevedo de Araujo, ao pensar a informacionalidade cidadina, acredita que a “forma social e espacial de cidade da nossa sociedade [...] trata-se tanto do potencial de produtividade quanto da capacidade de destruição, tanto das proezas tecnológicas quanto das misérias sociais de nosso tempo” (ARAÚJO, 2007, p. 49). O ambiente urbano, acima de tudo, é um ambiente de informações e de trocas das experimentações pessoais. Segundo Marcel Roncayolo,

a função é, na verdade, a razão de ser da cidade. Neste sentido, a cidade parece responder a uma necessidade que a transcende; pertence a um conjunto ou a um sistema e define-se em relação a eles. Estruturas internas e relações externas encontram-se assim ligadas a um mesmo conceito: por um lado, as funções parecem determinar o conteúdo social, o modo de vida da cidade; por outro, delimitam zonas de influência e explicam a localização da cidade na organização espacial. (RONCAYOLO, 1986, p. 411)

Na mesma edição de 1970 do *A Província do Pará*, na coluna *Diário JCC*, escrita pelo jornalista José Cândido de Carvalho, trazia, na segunda nota, intitulada *Assombração*, a história de um senhor que havia sido perseguido por um fantasma. Já na edição de dois de agosto de 1972, no mesmo jornal, uma manchete chamava atenção: um homem havia sonhado com fogo e ao acordar, havia um incêndio acontecendo. José Maria Tinoco tivera uma inquietante noite, com, horríveis sonhos de que a sua indústria, a Tinoco Industrial Ltda. era tomada por grandes chamas. Ao acordar, o homem fora até seu empreendimento e, ao chegar lá, notou que havia um princípio de incêndio no local. Não eram raras notícias à época acerca de pessoas cujos sonhos se tornavam realidade, envolvidas em alguma espécie de “aviso” e outros casos em que o sobrenatural estava envolvido.

Percebemos, assim, a interessante dicotomia em, por exemplo, no mesmo jornal que, numa notícia explora os avanços, progressos e rumos de alcance para o futuro que a cidade de Belém buscava, noutra relata eventos que norteiam o “outro lado”, esse mundo desconhecido. Excluindo as crenças religiosas, a ideia da credulidade em algo que vai além do natural, desde meados do século XIX, esteve relacionada ao passado, a algo que deveria estar distante. Uma distância temporal dos ideais de modernidade e avanços técnicos e científicos trazidos da Europa, a partir dos ideais de que as luzes das racionalidades deveriam estar acima de qualquer elemento obscuro que tanto atormentou cidades e vilas, baseadas apenas na difusão imaginária de grupos sociais, assunto que discutiremos no segundo capítulo.

Contudo, cabe ressaltar que ao vermos dois ideais tão distintos expostos em periódicos que estão todos os dias em contato com grande parte da população da cidade de Belém, compreendemos o quão relevante, importante e presente estava a credulidade e, de acordo com o que os protagonistas dessas histórias revelam, a vivência dessa credulidade no núcleo urbano.

Enquanto novas torres de telefonia eram implantadas, estações de transporte eram construídas e o saneamento atingia novos lares, o imaginário construído sobre o mundo sobrenatural continuava em contato com as pessoas, com os lugares. Os espaços públicos, uma vez em contato com elementos do sobrenatural, passam a ser ressignificados para os que acreditam. O medo de passar por uma esquina não diferentes de outras em um tranqüilo bairro no centro, ou de andar pelos arredores dos cemitérios não era algo distante temporalmente ou espacialmente, restritos ao que a historiografia poderia trazer sobre a Idade Média, a Antiguidade e pré-História, mas estava ali, em pleno século XX, nas ruas do centro da cidade de Belém.

Para terminar este capítulo, escolhemos falar de um ponto extremamente importante, talvez um dos mais divulgadores da cidade: a arborização. Concretizada no início do século XX pelo Intendente Antônio Lemos e objeto de muita discussão ao longo dos anos, o plantio de árvores na capital sempre esteve pertinente na vida dos cidadãos. Fosse para amenizar o calor, fosse para o embelezamento, a cidade pedia por mais arborização, o que ocorreu, de fato, no final dos anos 1980, na gestão do prefeito Fernando Coutinho Jorge, noticiado pelo Diário do Pará como “um dos mais importantes programas da administração Coutinho Jorge [...] com o propósito de tornar Belém uma cidade cada vez mais verde”. Cerca de mil oitizeiros seriam plantados na avenida Pedro Álvares Cabral, uma das principais do bairro do Umarizal e Telégrafo e mais de mil mangueiras seriam colocadas no canteiro central da avenida Augusto Montenegro, o então principal logradouro de ligação para a “nova Belém”, as novas vias de abertura e crescimento de uma cidade em franca expansão²⁵.

Por que a arborização se torna importante para este trabalho? Veremos no capítulo 3 que cada espaço e cada paisagem é tomada por um agente da cidade, entendido aqui como um habitante. Cada um desses espaços é ressignificado por esse agente e torna-se um palco para as mais fantásticas manifestações que infestam e agraciam o imaginário pessoal e coletivo. Pensar uma rua margeada de mangueiras, de dia, pode para alguém, remeter ao fato de que sua localização no momento é dentro da floresta, as árvores nas calçadas podem remeter a

²⁵ **Diário do Pará**. 25 de abril de 1988.

ideia de que a floresta está na cidade, ou ainda de que a cidade está na floresta, de que a cidade é a floresta. De noite, para outra pessoa, a mesma rua, com uma fraca iluminação, pode representar um ambiente obscuro, desconhecido, misterioso. Um lugar cuja experiência pessoal esteja atrelada ao temor, ao receio de caminhar, ao medo de que algo além do natural possa estar escondido por trás dos longos troncos.

Assim, encerramos este ponto da nossa pesquisa, lançando uma ideia que pretendemos discutir melhor teoricamente no capítulo 2, e relacionando-a com as experimentações pessoais das entrevistas no capítulo 3: pensar a relevância da apropriação do significado de um ambiente/paisagem para cada pessoa e como isso pode destoar da ideia original da construção de tal ambiente/paisagem.

CAPÍTULO 2 – MITOS, MEDOS E MEMÓRIAS NA CIDADE

Quando pensamos em mito, podemos remeter nossas mentes às mais fantásticas obras literárias da Antiguidade, aos grandes feitos das narrativas homéricas, aos doze trabalhos de Hércules ou aos contos e cantos heróicos do período medieval. Discutir a mitologia, em primeira mão, pode parecer juntar um conjunto de lendas e histórias grandiosas de séculos e milênios passados.

Mas vamos pensar mais a fundo. Tomando como base Edgar Morin, qualquer narrativa tida como real e verdadeira se configura em um mito. Por serem discursos que comportam as mais diversas e infundáveis crenças em espíritos, deuses e transformações entre os seres vivos e minerais (as quais o autor entende por metamorfoses), talvez por algum tipo de encantaria ou magia, esses créditos abarcam o supranatural como um todo, inserindo, então a fé e a religiosidade.

Isto, todavia, não significa necessariamente a crença em uma determinada religião ou seguir uma doutrina e relacionar essa credulidade com o conceito de mito minimize a importância de tal credulidade. Ao contrário, isso só tende a demonstrar o quanto nosso mundo está inserido dentro desse universo tão rico e fantástico de seres e ideias que estão além da compreensão e do conhecimento do homem. Como Morin afirma,

Vivemos em um mundo não menos [comparado com os períodos conhecidos como pré-história, Idade Antiga e Idade Medieval] povoado de mitos; nossas religiões são ricas em sobrenatural; outros estão infiltrados em ideias muito poderosas e dominadoras; outras ainda fervilham no imaginário e na cultura da mídia. Nossa mente/espírito secreta, sem parar, imaginário. (MORIN, 2010, p. 131)

Entretanto, o que temos percebido ao longo dos anos é que, à exceção do aspecto religioso, a difusão de conteúdos sobrenaturais esteve perdendo as forças – pelo menos no discurso. Existem diversos motivos que podem explicar essa corrente diminuição, desde o grande avanço científico nas últimas décadas e novas explicações para situações antes misteriosas, até o crescente aumento da violência nas ruas, com muitos assaltos, sequestros-relâmpagos, balas perdidas etc. As preocupações humanas se transformaram, bem como seus medos.

Por outro lado, isso não significa que questões envolventes do sobrenatural estejam fadadas ao fim. O medo diante do desconhecido, tal como a curiosidade e a busca do mesmo, ainda é fato. Porém, não pretendemos neste estudo nos aprofundar nas questões que abarcam

o declínio destes discursos, mas pensar nos conceitos e nas formas como ele pôde ser aplicado no centro de Belém durante os últimos 50 anos do século XX.

Para delinear melhor a ideia do mito, voltemos alguns séculos, mais precisamente às sociedades gregas e romanas da Antiguidade. Suas tradições e rituais sempre estiveram permeados da crença em vários deuses, os quais “ditavam” as práticas sociais para seus agradados; na Europa medieval, os tempos de pestes e crises na agricultura eram atribuídos à ira de Deus; na era das grandes navegações e colonizações ultramarinas, a crença na existência de gigantescas serpentes marinhas e outros monstros do Atlântico causaram calafrios em muitos navegadores, o século XIX, como retrata Mary del Priore, apesar de sempre ser expressado como uma época de luzes e da racionalidade, esteve coberto pela sombra da transcendência e da perseguição da comunicação com os mortos, haja vista a criação do tabuleiro ouija, das práticas com mesas volantes e o surgimento, bem como a difusão do espiritismo, por Allan Kardec. Sendo assim, observa-se uma ampla e forte intervenção do mito na história (MORIN, 2010).

Visto isso, o mito pôde ser visto como elemento opositor e distinto da realidade, do concreto, do cientificamente explicável. Quanto menos conhecimento se tem sobre uma determinada situação ou objeto, mais floresce o elemento mítico (TUAN, 2013). Roland Barthes pressupôs que o mito, dentro das sociedades contemporâneas, é uma espécie de comunicação, uma mensagem com uma natureza própria. O mito é uma fala e pode ser analisado como qualquer outra forma de comunicação porque é uma forma de significação. Logo, tudo poderia ser mito, uma vez que o universo humano é puramente sugestivo. “Cada objeto do mundo pode passar de uma existência fechada, muda”. Todavia, os mitos não são eternos, certos objetos podem permanecer sob a linguagem mítica por um tempo, mas em algum momento desaparecem, às vezes pelo esquecimento, ou são substituídos. Assim, os mitos possuem fundamento histórico, uma vez que são falas escolhidas pela história (BARTHES, 2001).

Uma vez se percebendo a “fala” do mito como uma mensagem, ela não precisa ser necessariamente oral. Como afirma Barthes,

Pode ser formada por escrita ou por representações: o discurso escrito, assim como a fotografia, o cinema, a reportagem, o esporte, os espetáculos, tudo isto pode servir de suporte à fala mítica. [...] As matérias-primas do mito, quer representativas, quer gráficas, pressupõem uma consciência significativa e é por isso que se pode raciocinar sobre eles independentemente da sua matéria (BARTHES, 2001, p. 132).

Entendemos, então, o mito como uma construção cultural, formada por uma série de significados. Estes mitos são perpassados à diante como formas de representação, de visões de mundo e experiências na comunicação humana, implicando na renovação sistemática dos seus significados, uma vez que as apropriações culturais estão em constante transformação.

Como complemento da ideia de mito como um meio de comunicação, o antropólogo Everardo Rocha o considera como uma narrativa, um discurso. “Uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, duvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de “estar no mundo” ou as relações sociais [...], uma gama versificada de ideias”. Seus sentidos podem ser difusos e múltiplos (ROCHA, 1996, p. 3). Uma discussão que se segue a respeito da ideia de mito, é a sua relação com a verdade. Rocha entende que, mesmo que o mito não corresponda à verdade, isso não significa que ele não deve ser visto como um objeto de valor. Deve, pois pode ser compreendido como uma interpretação, um discurso de experiências e memórias. A eficácia do mito é o fator que deve ser considerado, e não sua veracidade. Pode ser efetivo como um estímulo para a condução do comportamento do ser humano ao se deparar com realidades existenciais²⁶.

Os pilares do pensamento no “além-natural” são construídos e moldados de pequenos fragmentos da necessidade humana em se apegar numa explicação para o que há no mundo e, principalmente, para o que há além dele. Sentimos uma certa conveniência em crer que existe algo além da vida e que, neste além, há algo de positivo, um paraíso, passível de ser alcançado²⁷.

Uma vez que alguém recorre às causas míticas, seja concernente ao uso de uma determinada planta (ou erva) por meio de um longo processo de tradição, ou pela evocação de histórias, transformando práticas sociais e esse exercício é de ordem coletiva dentro do espaço

²⁶ Everardo Rocha também comenta, brevemente, que o próprio conceito de verdade é discutível, baseando-se no pensamento de que o que se entende por verdade é uma versão bem-sucedida sobre certo acontecimento. Assim, a busca pela veracidade dentro da propagação dos mitos pode tornar-se inútil. Para uma discussão introdutória, e eficiente sobre o conceito de mito, ver: ROCHA, Everardo P. G. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 97 p. (Coleção Primeiros Passos, 151).

²⁷ Não pretendemos, aqui, generalizar essa posição. Porém, uma mínima porcentagem de brasileiros insere-se no grupo de ateus (615 mil ateus no país de acordo com o censo demográfico de 2010 do IBGE). Para Belém, esse índice cai ainda mais (0,31%, ou cerca de 4,6 mil pessoas) – a capital paraense é predominantemente católica e, apesar de um aumento no número de adeptos às variadas vertentes de igrejas evangélicas, a cidade é voltada a um mundo de elementos católicos, especialmente os ligados à imagem e representação da Nossa Senhora de Nazaré, a qual dá nome a um bairro (um dos mais nobres e mais tradicionais), à principal avenida do centro e é o objeto central da procissão do Círio de Nazaré. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf> e <http://www.mai.org.br/tabelas/municipios/censo2010_listareligioes_view.php?editid1=170>. Acessado em 20 de novembro de 2014.

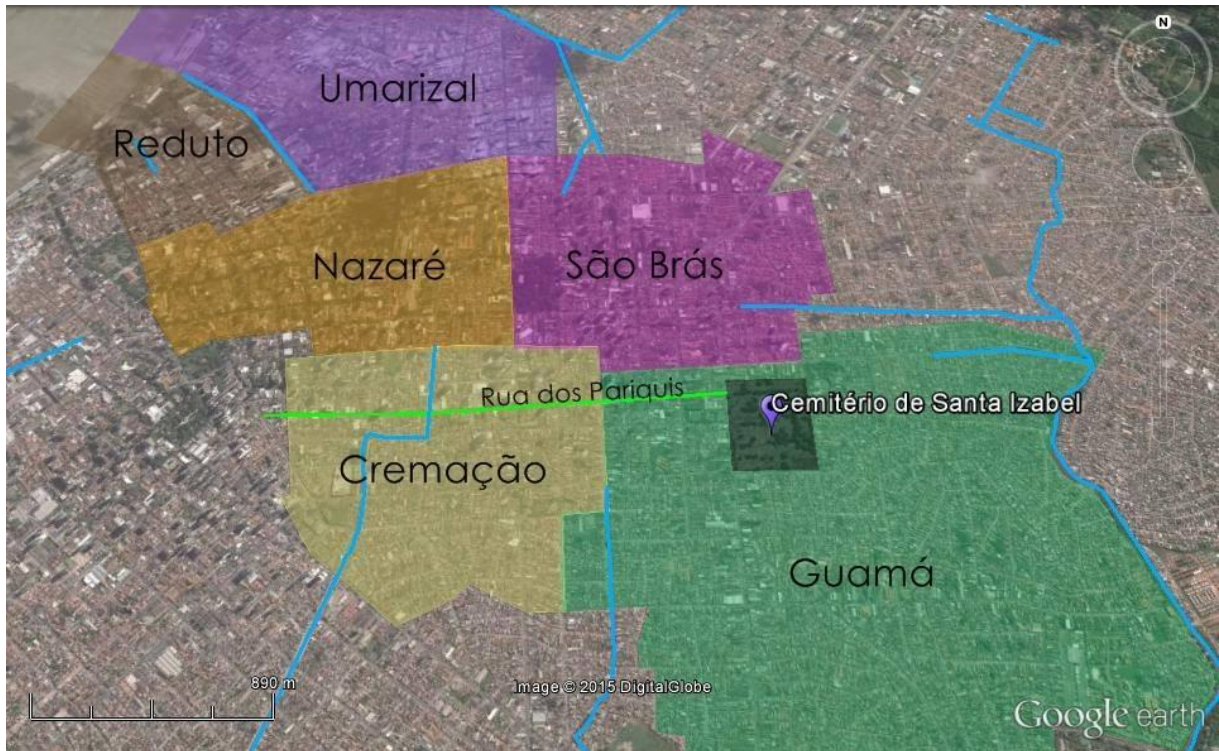
da cidade de Belém, arrisca-se a entender o território urbano, dentre outras formas, como um espaço mítico – um componente espacial de uma visão de mundo, a conceituação de valores locais por meio da qual as pessoas realizam suas atividades práticas. Entendemos, assim, o espaço como um termo abstrato para um conjunto complexo de ideias, no qual pessoas de distintas culturas diferem na forma de atribuir valores às suas partes e de medi-las (TUAN, 2013). Logo, ao pensarmos um espaço, estamos impondo significados pessoais a ele, por vezes ressignificando-o, uma vez que estamos atrelando percepções e experiências sobre um local que fora construído para atender a um determinado interesse.

Tomemos o exemplo de uma rua à noite, perto de um cemitério. Alguém ouve histórias sobre crianças, possivelmente seus espíritos, que cantam cirandas perto da meia noite, nesse espaço. O medo em passar por este local, neste determinado horário se instaura. O que tal espaço representa para essa pessoa? O que essa rua significa para ela de dia e de noite? Há diferença? Durante o dia, a rua pode representar um espaço qualquer, um caminho, um atalho, um ambiente corriqueiro de passagem. Já à noite pode representar obscuridade, um espaço onde o mito se instaura, onde as histórias ouvidas se fazem presente. A escuridão noturna pode trazer consigo uma nova atmosfera para a apropriação de um espaço concreto, urbano, construído fisicamente pelo homem – apropriação particular e mental. A experiência, assim, transporta percepções pessoais ao mundo exterior, abrangendo formas pelas quais alguém constroi a realidade em que está inserida (TUAN, 2013).

Agora, começaremos a apresentar trechos de três entrevistas realizadas com quatro moradoras de Belém – Maria José e Sylvia Torres, que nos concederam duas entrevistas, cada e Maria Auxiliadora e Carlota Bastos que aceitaram gravar uma entrevista juntas a partir de uma conversa entre elas, rememorando as histórias que ouviam e experiências durante suas infâncias e adolescências, no centro de Belém.

Maria José Santos Maciel tem 60 anos, dois filhos e é separada. Morou no bairro de São Brás, demonstrado abaixo.

Mapa 02 – Localidades referenciadas nos relatos dos entrevistados



Fonte: Elaborado por Rudá Silva de Pinho, com base no programa de georreferenciamento Google Earth.

Durante a entrevista que feita com ela, questionamos aspectos da infância, entre os anos 1960 e 1970, que estivessem relacionados ao “outro mundo”. Pedimos que ela nos descrevesse características do local onde vivia, que narrasse algumas histórias que seus pais a contavam, bem como o que ela achava dessas histórias e sua relação de crença ou não no sobrenatural. Dentre suas respostas e comentários, escolhemos, neste capítulo, iniciar o trabalho de análise com este trecho:

[...] naquele tempo não é como hoje em dia. Era tudo mais deserto, não tinha muita iluminação de rua e as pessoas acreditavam muito nessas crendices, [...] o negócio da Matinta Perêra, nesse homem que virava porco, nessas coisas assim, né? [...] a minha mãe contava quando morava na Pariquis [perguntei qual o ano] era mais ou menos 1950. Eles ouviam e as amigas ouviam várias crianças cantando ciranda, ela dizia “não era só eu, os vizinhos também ouviam as cirandas” vinham lá pras bandas do cemitério. Eu cheguei a ouvir algumas vezes isso, mas “deus o livre”, nunca abri a janela pra ver o que era.

A partir deste depoimento, notamos alguns aspectos que compõem bases para que o ambiente referido, no caso, o trecho da rua dos Pariquis próximo ao cemitério à noite, se tornasse um espaço a ser evitado. Em primeiro lugar, a fraca iluminação pública. Apesar de hoje esta ser uma região valorizada em na cidade de Belém, nos anos 1950, era uma região sem asfalto, considerada periferia. Em outro momento da entrevista, Maria José afirma que a

“periferia não tinha energia, não tinha nada”, o que evidencia já uma grande falta de recursos de infraestrutura na localidade, que se expandia de forma vertiginosa a cada ano.

Em segundo lugar, a movimentação. Não era costumeiro andar pelas ruas do bairro até “altas” horas da noite, até porque, como afirma a Maria José, as pessoas acreditavam muito nessas histórias, das quais podemos inferir a crença de que as horas mortas devem ser respeitadas.

Conseqüentemente, observamos que a junção desses elementos, aliados aos contos de que espíritos de crianças cantavam cirandas sob o luar, próximas ao cemitério (de Santa Izabel²⁸) acometiam sobre algumas pessoas um sentimento de contenção. Evitava-se aquele espaço e não só o “estar”, mas o “ver”. A decisão de não querer abrir a janela para ver a possível origem da singela cantiga atesta o quanto o medo se materializa e influi nos atos. Enquanto que, cientificamente, a sede de se conhecer o desconhecido opera de forma rápida e insistente, por outro lado causa receio, temor. O que há além? O que ela pensou que poderia ter visto caso abrisse a janela? O que ela pensou que poderia ter acontecido caso abrisse a janela?

Walcyr Monteiro relata duas histórias, em *Visagens e Assombrações de Belém*, de mulheres que, de dentro de suas casas ouviram sons estranhos, os quais não consideravam normais para o dia da semana ou horário, e sentiram medo, mas também curiosidade, em abrir a janela para conferir de onde vinham os estranhos sons. Na primeira história, *A Procissão das Almas*, a protagonista Carmelina, também moradora do bairro de São Brás,

ouviu estranho ruído vindo da rua, como se fossem passos de muitas pessoas. [...] Apesar de desassossegada, mais que nunca, estava curiosa para saber do que se tratava.

... e os antigos diziam: - Não se meta onde não é chamado...

Carmelina não quis saber disso. Mais do que o normal, sua curiosidade havia sido provocada. Ainda olhou o relógio – faltava um minuto para a meia-noite –, viu que era tarde e uma hora aziaga, principalmente em dias de sexta-feira, mas queria saber o que era. Não podia se controlar, imaginando o que seriam aqueles passos e cânticos àquela hora da noite... (MONTEIRO, 2000, p. 147-148)

No fragmento citado, reparamos alguns fatores já comentados nesta pesquisa, como a ideia de horas mortas, ou “aziagas”. A crença de que neste horário as almas estão nas ruas

²⁸ Localizado no bairro do Guamá, é o maior cemitério de Belém, construído após a desativação do Soledade. Funcionou normalmente até os anos 1960, atualmente sendo utilizado apenas pelas famílias que possuem sepulturas perpétuas.

reflete a crença de que os vivos devem respeitar os mortos, cujos espíritos voltam “do outro mundo” para pagar suas penitências.

Quanto a relação de respeito entre vivos e mortos, Roberto DaMatta entende essa conexão como obrigações palpáveis diante dos mortos e de suas almas. “Seus aniversários de nascimento e de morte são lembrados, sua memória deve ser cultuada [...] é a possibilidade de juntar vivos e mortos, presente e passado, conhecido e desconhecido” (DAMATTA, 1997, p. 144). Entendemos que a visão de morte cria, sobre a imagem de um indivíduo, uma noção grande de respeito pela sua memória. Os mortos devem ser respeitados.

Uma gama de dizeres populares aponta para o afastamento dos vivos daquilo o que não os dizem respeito, como a ausência de um espaço que, num determinado momento do dia ou da noite, pertence às almas que ainda não conseguiram encontrar a paz. “Não se deve nunca procurar saber as coisas que não nos dizem respeito. A curiosidade tem seu preço!” (MONTEIRO, 2000, p. 151). Na história, Carmelina abriu sua janela exatamente à meia noite:

O que viu, petrificou-a! Uma procissão, todos conduzindo velas e entoando hinos religiosos. Não havia sido programado nenhum festejo religioso para aquele dia, e Carmelina não podia compreender a razão daquilo. Além do que não conseguia distinguir direito as pessoas. Os olhos pareciam embaciados, cavernosos, e não captava as palavras claramente. (MONTEIRO, 2000, p. 148)

Carmelina perturbou, ao olhar pela janela, a penitência das almas, “à procura de paz” e precisou recorrer aos frades capuchinhos para se redimir perante essas almas (MONTEIRO, 2000). Esta era uma história muito difundida em Belém, já conhecida por Maria José, contada por sua mãe. O que consideramos é que a memória, a tradição oral é capaz de formar uma representação que se aplica na prática, na vivência.

Os espaços e discursos interpretados e analisados são, principalmente, oriundos da representação da memória aos olhos e mentes dos entrevistados. Sendo assim, destacamos a psicóloga Ecléa Bosi e sua obra *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. Este livro serve de fundamental importância para se perceber a memória como um objeto abstrato em contínua transformação. Quando se trabalha com a memória de alguém, não se está lidando diretamente com o acontecimento tal qual foi visto e apreendido naquele momento pelo locutor, mas com uma representação e atual interpretação sobre tal fato. De acordo com Bosi,

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento [...] a memória seria o lado subjetivo do nosso conhecimento das coisas [...] vale-se do passado que de algum modo se conservou [...] Lembrar não é reviver, mas

refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. (BOSI, 2004, p. 39-55)

Complementando esta ideia, o antropólogo Joël Candau, sustenta que a memória é,

acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo. [...] Ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apóiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. (CANDAU, 2012, p. 9-16)

Por ser subjetiva e constantemente mutável, trabalhar com um objeto de memorização requer uma atenção a mais sobre o quanto o discurso proferido por alguém é fiel ao recebido. Porém, como expusemos na introdução, é exatamente essa subjetividade que buscamos analisar, pois é ela que nos dá as informações necessárias para entender a construção do imaginário de um grupo de pessoas, mais especificamente, do grupo de colaboradores desta pesquisa. A individualidade e o entender pessoal nos permite examinar como as ideias acerca da aplicação do sobrenatural em espaços públicos urbanos estão em formação na mentalidade.

A identidade age a partir da memória, não sendo mais do que uma representação ou um estado adquirido, sendo a busca pela memória o acompanhamento de um sentimento de identidade. A memória e a simbologia presentes na mente do “eu” perpassa os caminhos das tradições e das apropriações individuais e/ou coletivas. O conjunto da personalidade de um indivíduo emerge em sua memória (CAUNDAU, 2012).

O espírito do homem está fadado a sentir. Sob esta perspectiva, Edgar Morin entende esse espírito como “um complexo que comporta o psiquismo, noção que revela a sua subjetividade afetiva” (MORIN, 2012). Sendo assim, a alma do homem aflora através da sensibilidade e da afetividade, que está intimamente complementada com o espírito²⁹.

Talvez por existir um ideal de percorrer o conceito de alma com tantos elementos positivamente emocionais que o pensamento de existirem almas presas em alguma penitência possa causar tanto receio nas pessoas. Para os que acreditam na existência de um paraíso para além da vida terrena, a noção da possibilidade de, após a morte, a alma ficar presa em um ambiente que não a pertence mais, libera a imagem de um longe e, talvez, eterno sofrimento – representado pela penitência.

²⁹ Morin equipara a alma humana ao ato de sentir emoção, compaixão. Transcende limites e é instável. “Manifesta-se pelo olhar, pela emoção do rosto e, sobretudo, através de lágrimas e de sorrisos. [...] Sua linguagem própria está além da linguagem da prosa, é da poesia e a música” (2000, p. 109).

O antropólogo Roberto DaMatta, ao discutir sobre o medo (relacionado ao sobrenatural) no Brasil dos anos 1980, informa que, normalmente, as pessoas entram em contato com a ideia de morte com os mortos de suas famílias, casa, vizinhança e comunidade. Mortos estes que por vezes surgem nas formas de espíritos, almas espectros aos seus conhecidos para pedir rezas, missas, favores ou homenagens. Isso implicaria, dentro de um imaginário coletivo, que mesmo após a morte, esses seres iriam para um “outro mundo” do qual poderiam voltar, como fantasmas, e influenciar positivamente ou negativamente na vida dos que ainda residiam “neste mundo”. As influências negativas estariam relacionadas às demandas e exigências dos mortos, enquanto que as positivas são associadas ao oferecimento, aos vivos, de objetos valiosos ou pequenas fortunas escondidas, para que o morto possa “descansar em paz” (DAMATTA, 1997). Sobre este último ponto, existem diversos contos no estado do Pará a respeito de botijas que são encontradas por alguém por meio do auxílio de algum espectro ou espírito. De acordo com Walcyr Monteiro, “diz a sabedoria popular que quem morre deixando algum valor enterrado, o espírito não tem paz... até que seja descoberto!” (MONTEIRO, 2000, p. 116).

Ainda sobre este tema, recorreremos à edição de 10 e 11 de setembro de 1972 do jornal *A Província do Pará*, cuja capa trazia a notícia “Maria Pongá: muito cheia de gíria”. Maria Carla Ferreira da Costa, mais conhecida como Maria Pongá, havia matado o ex-amante Júlio Pereira de Andrade, conhecido como “Gato Peito de Moça” com uma facada no umbigo. Após fugir do local e sem saber se o homem havia recebido algum socorro, contou que foi avisada por uma alma penada de que seu golpe fora fatal: “Quem mata carrega o morto nas costas”. A pequena nota na capa do jornal já despertava a curiosidade dos leitores que, ao abrirem a primeira página do segundo caderno daquela edição, se deparavam com a manchete em generosas letras: ALMA PENADA AVISOU “MARIA PONGÁ” SOBRE A MORTE DO EX-AMANTE.

Maria voltou ao local onde havia esfaqueado o ex-amante para conferir se ele estava realmente morto e foi presa por policiais que investigavam o crime. A mulher não voltou por causa do sentimento de remorso, mas pelo conteúdo da mensagem que ela afirmou ter recebido, “quem mata carrega o morto nas costas”. De acordo com Maria, tanto ela temeu o conteúdo da mensagem que resolveu verificar por si mesma se era verdade. O que concluímos desta situação é que a profunda atmosfera mítica que insere na mentalidade a personificação da penitência e sofrimento em longo prazo sobrepõe o próprio ato de matar alguém.

Levando-se em consideração a justificativa dela para se entregar, compreendemos que pagar pelo crime que cometeu em vida seria uma forma de escapar de pagar por ele após a morte, sendo assim, um ato necessário e admissível de se vivenciar. Percebemos que esses casos nos situam em um universo onde os vivos se relacionam de forma duradoura com os mortos e as almas desses mortos “voltam sistematicamente para pedir e ajudar, para dar lições de humildade cristã aos vivos, mostrando sua assustadora realidade” (DAMATTA, 1997, p. 146).

Assim, observamos a força desse tipo de temor no meio urbano, o que, como já comentamos no capítulo 1, se contrapõe ao conceito de viver numa cidade, em meio ao progresso vívido da técnica e da ciência. Diversos autores já pensaram e discutiram o papel da cidade e do viver na cidade sobre o indivíduo. Weber, por exemplo, visualizou três dimensões para a análise do meio urbano: densidade-heterogeneidade da população, a função econômica e a função político-administrativa. Aspectos relacionados às produções sociais práticas, entendidas como racionais.

No artigo *Estudo tipológico sobre a forma urbana: conceitos e aplicações*, Flávia Pereira Amorim e Vera Tangari explicam que dentro da perspectiva da construção morfológica da cidade, segundo o arquiteto Aldo Rossi, “a cidade seria o princípio ordenador no qual se desenvolvem e estruturam os tipos construtivos que integrarão a forma urbana” (AMORIN e TANGARI, 2006, p. 61). As autoras afirmam que Rossi, escrevendo nos anos 1960, entendia a formação urbana a partir de três sistemas: o social, o econômico e o político. As transformações nas cidades contemporâneas ocorreriam, principalmente, por causa do fator econômico, por meio da especulação imobiliária. As interferências urbanas só ocorreriam porque atendem aos interesses de investimentos econômicos na cidade (AMORIN e TANGARI, 2006).

A partir, então, da segunda metade do século XX, historiados e sociólogos pensaram ser necessário o acréscimo e outros fatores sobre essa análise, como o cultura, o imaginário e a morfologia urbana (BARROS, 2012).

Fernand Braudel, em seu estudo sobre as cidades modernas, pressupõe que o meio urbana destaca alguns fatores essenciais que auxiliam na análise da cidade, tais como a concentração populacional, o predomínio de determinados tipos de atividade econômica, que leva a uma complexa divisão do trabalho, a presença de um Mercado, diálogo permanente

com o campo, um orgulho cidadão e articulação da cidade com seus arrabaldes e com outras cidades³⁰.

Para Tuan, a cidade “representa a maior aspiração da humanidade em relação a uma ordem perfeita e harmônica, tanto em sua estrutura arquitetônica como nos laços sociais” (TUAN, 2005, p. 231). A cidade se coloca em consonância ao desejo da idealização física e harmoniosa, no qual, não haveria espaço para medos que não correspondessem aos elementos racionais, como a violência urbana. Tuan descreve alguns medos urbanos, como incêndios e a violência sendo este último um fator preocupante pelo crescente índice nas cidades.

Estudos urbanísticos recentes têm demonstrado a cidade como um campo multifuncional, exercendo, assim, funções sobre ela mesma e sobre a região em que está situada. Dentre essas funções destacam-se as culturais, religiosas, econômicas (industrial e/ou comercial) e política (institucional e/ou militar). Algumas dessas funções podem sobrepor outras (BARROS, 2012).

Uma vez que fatores culturais e sociais começam a ser analisados como formas pertinentes do estudo da estrutura urbana, afinal, como já vimos, as experiências humanas constroem memórias e significados sobre o espaço em que os indivíduos vivem, esses indivíduos e suas representações pessoais sobre o espaço urbano passam a ter uma maior importância no estudo das cidades. No artigo *O jardim na cidade é um fragmento de sonho*, a arquiteta Miranda Martinelli Magnolli concorda que ao se projetar a construção de espaços públicos é preciso, antes de mais nada, perceber a heterogeneidade do país, das paisagens, das peculiares relações sociais geradas na heterogeneidade das culturas (MAGNOLI, 2006).

Baseando-se nos fatores culturais que constroem as cidades, José D’Assunção Barros compreende a existência de dois aspectos importantes: a cidade como uma representação e, ao mesmo tempo, geradora de representações sobre si mesma. Segundo o historiador,

A cidade é representação já no próprio “plano urbano” que a prefigura [...]. Quando o plano original da cidade é concebido por um homem ou grupos de homens específicos, parece ficar mais claro que eles trazem para o traçado urbano as suas próprias visões de mundo e o universo cultural em que se acham mergulhados. Mas, da mesma maneira [...] cada novo habitante contribui de maneira microscópica para um traçado que na sua totalidade e no seu conjunto de detalhes revelará também uma concepção geral do mundo. (BARROS, 2012, p. 93)

³⁰ Para um conhecimento maior a respeito das percepções e propostas sobre a gênese da cidade moderna, em Braudel, ver: BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo**: séculos XV-XVIII – Vol. I: as estruturas do cotidiano. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1996.

Assim, percebemos que a representação de uma cidade para seus habitantes é, também, construída não só visando interesses políticos e econômicos, mas é uma obra coletiva que abarca relações sociais, culturais e a memória. Logo, na nossa pesquisa sobre o sentimento de medo diante do sobrenatural no centro de Belém, entendemos que esse medo conseguiu tomar forma e se aplicar dentro da cidade – dentre os que acreditavam na existência do “outro mundo” – uma vez se considerando os fatores culturais como imprescindíveis para a construção e análise de experiências no meio urbano.

Sobre esta crença e o medo no “outro mundo”, Yi-Fu Tuan descreve que

quase em todo lugar suspeita-se de que os mortos ressentem de sua condição: costumam regressar e visitar os lugares e pessoas que outrora conheceram. Esses espectros, forças potenciais de caos, pairam logo além do mundo dos vivos e constituem-se em ameaças periódicas. As pessoas enfrentam essas ameaças definindo seu próprio espaço, com bandeiras levantadas ao seu redor, e limpando-o ritualmente de tempos em tempos. (TUAN, 2005, p. 192)

Isso infere na delimitação espacial imaginada pelos homens, compondo espaços públicos e relacionando-os a períodos do dia e/ou a dias da semana, pensando-os como lugar específico para a manifestação do sobrenatural.

Raquel Carriconde, em sua resenha da obra *A utopia urbana*, de Gilberto Velho, escreve que este autor percorreu um caminho que ficou consolidado nos estudos urbanos, a criação de mapas sociais (ou cognitivos), construídos pelos agentes envolvidos de forma direta na dinâmica de ocupação dos espaços, desvinculando as definições pautadas por aspectos sociais das demarcações cartográficas oficiais pautadas exclusivamente por índices técnicos (CARRICONDE, 2013). Gilberto Velho não escreveu pensando sob uma temática da influência da crença e do medo no sobrenatural sobre o espaço urbano, mas demonstrou que as representações pessoais moldam e impõem novos significados sobre um espaço, integrando fatores como a ocupação espacial.

Logo, acreditamos que se aplicarmos sua perspectiva sobre a cidade de Belém, é possível compreender, de forma mais simples, as escolhas de ocupação do espaço – no caso que analisamos nessa monografia, não pretendemos relacionar a ocupação com a fixação de moradia, mas de trânsito (passagem) em locais que eram conhecidos como pontos onde almas, espectros e visagens apareciam para pagar suas penitências.

Geralmente, locais de muito sofrimento, repletos de uma carga pesada de energia, estão associados com a crença no aparecimento desses espíritos, como hospitais. Outros, percebidos como um ambiente de descanso, também são palcos para uma diversidade de histórias sobrenaturais, como cemitérios. Para fora deste último espaço, transcendem as

aparições – não raro se ouvem histórias de espíritos vagueando pelas ruas adjacentes aos cemitérios, ou de estranhas pessoas que se postam paradas por longos períodos perto do muro e dos portões destes locais.

Para que possa haver uma interseção que possibilite a libertação dessas almas, os cultos e rituais são comuns em determinados dias da semana. Na tradição católica, as novenas, encontros para orações realizados durante nove dias seguidos, tendo cerca de uma hora de duração diária, também podem servir como forma de pedir pela paz das almas perdidas no purgatório. Às segundas-feiras, na cidade de Belém, há o Culto das Almas. Dezenas de pessoas compunham os cemitérios da capital acendendo grande quantidade de velas em várias sepulturas. O culto estava presente em todos os cemitérios, inclusive o da Soledade, fechado para sepultamentos desde o final do século XIX. Desativado oficialmente, em 1880, o cemitério da Soledade foi construído em 1850 para atender às epidemias de febre amarela e cólera que atingiram Belém na década anterior. É famoso por causa da intensa arborização e requintados mausoléus, hoje desgastados e vandalizados. Apesar da data oficial de sua desativação, existem sepulturas que datam até os primeiros anos do século XX³¹. Os cultos podem ser destinados a uma alma específica ou a todas – para algumas almas, existe orações específicas, como para Raimundinha Picanço, uma mulher que teria sido envenenada pelos irmãos e madrasta e tem em seu nome alguns pequenos milagres, e ao “inocente” Cícero, um garoto de quatro anos que faleceu em 1872 e também tem milagres atribuídos ao seu nome.

O culto é³² realizado por pessoas de todas as classes sociais, “desde simples biscateiros e humildes operários até industriais e políticos” (MONTEIRO, 2000, p. 183).

Após um panorama de discussões a respeito de mitos e medo nas relações sociais e propondo as aplicações desses conceitos nas experiências humanas dentro da cidade, discutiremos a seguir como as quatro mulheres entrevistadas para o nosso trabalho entendiam e lidaram com as histórias sobrenaturais que os seus pais as contavam e de que forma a crença em elementos sobrenaturais influenciavam nas práticas diárias delas e, também, das suas famílias.

³¹ Soledade: guerra diária entre tempo e memória. **Diário do Pará**. Belém, 16 abr. 2014.

³² A pesquisa de Monteiro teve sua primeira edição publicada em 1985. Ainda hoje, o culto das almas é muito presente na cidade de Belém e continua ocorrendo às segundas-feiras.

CAPÍTULO 3 – O MEDO DIANTE DO SOBRENATURAL NAS RUAS DO CENTRO DE BELÉM

A visualização de um espaço, percebida de forma subjetiva, desperta infindáveis formas interpretação e apropriação, que pode ser tanto de ordem individual como coletiva. A experimentação do ser humano sobre certo ambiente causa emoções, estando elas associadas à memória – uma lembrança positiva ou negativa, por exemplo – a qual desenvolve no homem ações que por ele serão ali experimentadas (TUAN, 2013).

O medo é um sentimento íntimo e pode ser produzido por meio de um ambiente ameaçador. É complexo, mas detentor de dois objetos: a ansiedade e o sinal de alarme. Comumente, o sinal de alarme ocorre em um momento inesperado, provocando reações instantâneas, como a de enfrentamento ou de fuga, enquanto que a ansiedade reporta-se a ideia de que a situação que pode estar por vir já era esperada, de alguma forma (TUAN, 2005).

Porque isso ocorre? De acordo com Jean Delumeau,

A liberação de adrenalina, a aceleração do coração, a redistribuição vascular em proveito dos músculos, a contração do baço [...] põem em circulação maior número de vetores de oxigênio que tornam possível um dispêndio físico mais forte (fuga ou luta). (DELUMEAU, 2009, p. 38)

Quando alguém tem em sua infância e juventude um amplo contato com casos e histórias que experimentam a sujeição do sobrenatural e, se no caso, os locais onde tais histórias ocorreram, segundo conta a tradição, estão próximos desse alguém, inevitavelmente, a mente anseia pela ressignificação do lugar. Não pretendemos ser radicais ao ponto de inferir que uma rua que sempre foi entendida como um espaço público de passagem tornar-se-á um ambiente totalmente diferente, hostil e amedrontador ao ponto de que o indivíduo nunca mais queira passar por ela. Contudo, a aplicação da tradição ouvida gera uma ou mais abordagens interpretativas sobre aquele espaço que tem sua experimentação transformada, seja minimamente, seja grandiosamente.

Imaginemos que alguém goste muito de passear por uma rua tranquila, arborizada e ventilada de um bairro qualquer. Numa certa manhã ocorre um acidente de carro numa das esquinas dessa rua em que todos os envolvidos acabam morrendo. É um acidente que ganha grandes proporções, sendo noticiado e comentado por dias. Na próxima vez que essa pessoa estiver passeando e percorrer o local onde o acidente aconteceu, poderá relacionar aquele espaço à situação que ali ocorreu. A partir de então, sempre que passar naquela esquina

memorará o acidente. Percebemos neste exemplo uma transformação da experimentação sobre um espaço e semelhante a ele, incorremos na ideia de que os sentimentos constantemente modificam as percepções subjetivas sobre algum objeto.

Isto que ocorre quando uma história, tradicionalmente contada por via oral se arraiga na mente de uma pessoa – caso ela tenha a possibilidade de vivenciar o espaço do conto, sua visão destoará da interpretação de quando este conto ainda não havia sido ouvido ou, caso a pessoa tenha crescido em familiaridade com esse conto, sua visão será divergente da de pessoas que não tiveram contato com tal narrativa.

Neste capítulo, trabalharemos a sensação do medo sobre um indivíduo, examinando as percepções individuais e coletivas quando essa sensação é aplicada em um espaço público. Como indica Yi-Fu Tuan,

A variação emocional é um indicador da complexidade do sistema nervoso e, portanto, de forma indireta, da mente. [...] A imaginação aumenta imensuravelmente os tipos e a intensidade de medo no mundo dos homens. Assim, nossas mentes férteis são uma abençoada mistura. Conhecer é arriscar-se a sentir mais medo. Quanto menos se sabe, menos se teme. (TUAN, 2005, p. 11)

A manifestação do imaginário do ser humano mostra-se fantástica e, pensando nisso, realizamos três entrevistas nos dias 17 e 18 de julho de 2014, visando a possibilidade de elucidação das questões que nos dispomos a discutir. Nossa primeira entrevista foi com Sylvia Torres, professora e, atualmente, coordenadora da escola Madre Zarife Sales, no bairro do Guamá, em Belém. Tem 57 anos, mora (sempre morou) no mesmo bairro. Viveu sua infância e início da adolescência nos anos 1960, um período em que, de acordo com ela, havia muito mais respeito pelos mais velhos – pais e avós. Respeito esse que, por vezes, era imposto de forma rigorosa. Em seu depoimento, ela nos conta que

[...] quando nós morávamos lá [bairro do Guamá], que éramos crianças, sempre reuniam os vizinhos, né? Aquela reunião de porta e vinham as contações de histórias. Então as pessoas mais antigas falavam, quando a gente entrou na fase da adolescência, “olha, meia noite não passa na porta do cemitério, porque lá, se vocês passarem, vocês vão ver as almas penadas [...]” e realmente a gente mudava o nosso percurso, sempre que chegávamos tarde de alguma festa ou de alguma outra coisa, a gente dava uma volta enorme na outra rua pra poder chegar em casa.

De acordo com o que a Sylvia nos revela, percebemos que o discurso do sobrenatural, proferido pelos mais velhos, acabavam por influenciar no cotidiano, nos caminhos percorridos e nas horas do dia em que se poderia sair de casa.

Avisar que certos lugares deveriam ser evitados poderia ser apenas algo dito para afastar os mais jovens daqueles espaços e/ou evitar que eles saíssem de casa à noite? É uma possibilidade. Perguntamos, então, se esse grupo de pessoas mais velhas que tendiam fazer com que seus filhos evitassem determinados lugares à noite, também os evitavam. Sylvia responde:

Sim. Até mais recente, a mamãe ainda não morava na Barão [de Igarapé-Miri, uma rua do bairro do Guamá] e sempre que eram as horas mortas, né? Meio dia, meia noite, seis horas, ela não passava lá. E nem deixava a gente passar também [risos]. Mas isso foi uma coisa que a gente aprendeu a respeitar. Primeiro a gente não passava por medo, depois entendendo mais as... até a nossa própria doutrina, a gente não passa por respeito aos espíritos, né? A gente ainda acredita que sejam os locais de descanso e que eles precisam ter seus momentos respeitados.

A partir deste momento, percebemos uma ideia contrária ao primeiro ponto e novos elementos são apresentados. Primeiro, as horas mortas, que consistiam em meio dia, seis da tarde, meia noite e seis da manhã. Eram horas relacionadas ao sagrado, à ideia de que se deveria ficar em casa em respeito aos espíritos, principalmente nos lugares em que eles “apareciam”. São espaços que então, causavam receio, angústia, espaços que compreendiam o desconhecido.

Por morar próxima ao cemitério de Santa Izabel (o maior de Belém, localizado no bairro do Guamá), caminhar ao lado dos muros deste local fazia parte do habitual da Sylvia. Ouvia diversas histórias sobre almas que apareciam dentro do cemitério e vagavam à esmo durante as noites. Ouvia também contos sobre visagens que ultrapassam os portões do cemitério e assombravam pessoas que passavam na frente do local à noite. De acordo com Sylvia, essas histórias a deixavam com medo.

Além do medo, havia o respeito com os mortos. Assim como vimos em alguns relatos que Walcyr Monteiro descreveu em *Visagens e Assombrações de Belém* e o estudo que Roberto DaMatta fez sobre a morte no Brasil, os vivos possuíam uma relação com os mortos, desde cultos em suas homenagens às demonstrações de respeito, podendo ser caracterizadas pela celebração de uma missa, por orações. Os pais de Sylvia acreditavam que, se almas apareciam em frente ao cemitério, era porque precisavam cumprir alguma penitência e que

ninguém deveria interromper essa penitência. Naquele momento, o local pertencia à alma e sua sina e, portanto, os vivos deveriam, por respeito, afastar-se.

O medo se faz uma defesa essencial, inerente ao homem e uma garantia reflexiva indispensável aos perigos (DELUMEAU, 2009).

Quando um desses locais é relacionado à presença de espíritos, que se acreditava se manifestarem principalmente em torno das horas mortas, o espaço se relaciona logo ao imaginário do sobrenatural que, a primeira vista, pode causar curiosidade, mas tão logo desperta estranheza e inquietação, desenvolvendo-se em uma angústia e temor, configurando a ideia de medo. Logo, surge o que percebemos como espaços de “medo”. Em nosso caso, esse medo não se relaciona ao temor diante da violência urbana, por exemplo, mas um medo fundado nas crenças sobre “o outro mundo” em um determinado local: espaços públicos, de trânsito (ruas, praças) e que compreendem, baseado em contos e relatos difundidos entre moradores locais, fenômenos sobrenaturais, o que causaria este “medo”.

Roberto DaMatta propôs que para além do espaço público e privado, presente nas relações sociais, existiria, a partir da crença e do medo no sobrenatural, um “outro mundo”: um espaço marcado pelo signo da eternidade e da relatividade, porque ele se imbrica dentro dos dois espaços anteriores, trazendo para “este mundo” – o dos vivos – aspectos fantásticos. Ao seu ver, o “outro mundo” é um local de síntese,

um plano onde tudo pode se encontrar e fazer sentido. Assim, o outro mundo [...] é também uma realidade social marcada por esperanças, desejos que aqui ainda não puderam se realizar pessoal ou coletivamente. No caso brasileiro, é um mundo de esperanças e de potenciais que a história e o rumo dos acontecimentos não fizeram com que se realizasse. [...] É pois em contato com o *outro mundo* que somos capazes de construir as compensações que muitas vezes não conseguimos realizar quando confrontamos com o conflito “deste mundo” de casas e de ruas, de amigos e de leis impessoais, de desejos individuais e demandas morais coletivas (DAMATTA, 1997, p. 151-152).

Maria José nos informa que seus pais, bem como os conhecidos “mais velhos” pensavam, acreditavam neste mundo sobrenatural proferido e receado, que tanto serviu como objeto de advertência e repreensão para os mais jovens:

Eles [os pais] acreditavam. [...] a gente ficava com medo, receosos de algumas coisas, né. As vezes a mamãe dizia “olha, se vocês vão pra tal canto, cuidado, que tem essas coisas”. Assim, a gente ficava um pouco receosas, mas depois não.

Identificamos com essas entrevistas, que o diante do “outro mundo” e seus elementos não estava presente apenas em casos isolados da cidade, mas sendo comumente encontrados no seio de famílias de classes sociais distintas.

outras [histórias] eu soube também... era do jornaleiro. Essa aí eu ouvia, o pessoal falava que todo dia uma determinada hora da madrugada eles ouviam o cara gritando. O cara morreu, parece que num acidente, eu não sei. Eu sei que ele fazia a penitência dele pra lá, pro lado da Caripunas, já pro lado da Cremação.

Questionamos o local onde se acreditava que este jornaleiro aparecia, bem como o horário em que normalmente se ouviam seus gritos. Maria nos informou:

[Na rua] Nove de Janeiro, com Caripunas, Conceição, pra ali pra aquele lado. [...] e diz que as pessoas ouviam quando ele gritava. [...] Eu acho que devia coincidir com o horário que ele saía pra distribuir o jornal, né? Quatro e meia, cinco horas da manhã, eu creio.

Similar a este relato, é a história sobre “seu Matinta”, contada por Sylvia. Um antigo vendedor de vísceras de bois e porcos cujo espírito era visto e ouvido nas madrugadas no bairro do Guamá. Sylvia nos informa:

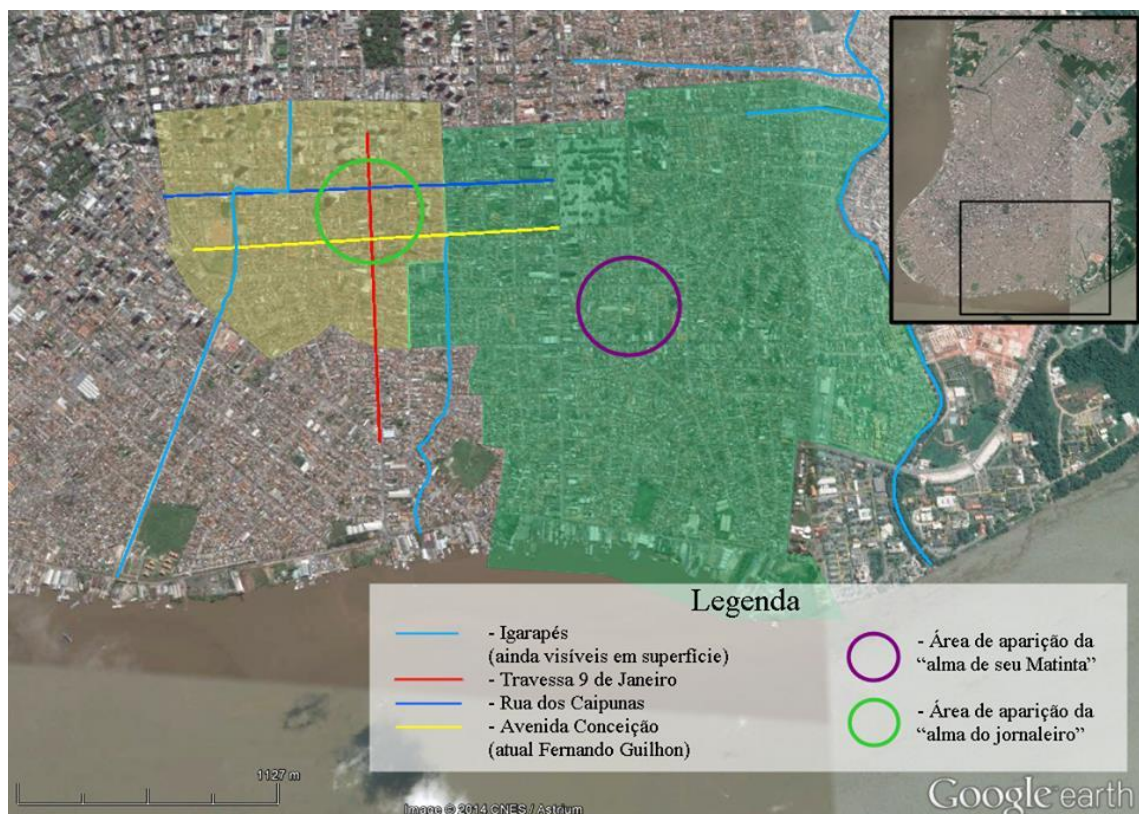
tinha um senhor, o nome dele era “seu Matinta”, ele era um senhor já idoso e era um... ele não era um morador de rua, mas ele vivia na rua e à noite ele ia pro ambiente dele. E esse senhor foi assassinado, aconteceu até perto da minha casa. E toda noite o pessoal dizia que ele pegava o carrinho, que vendia vísceras nas portas, e quando dava de madrugada, o pessoal falava que viam o carrinho, é... o carrinho de mão passar lá. Eu não sei te dizer [...] se a gente ficava sugestionado pelo som que a gente escutava, né. A nossa casa era de esquina, mas que realmente, quando chegava uma determinada hora, assim por volta das quatro e meia, cinco horas da manhã, a gente escutava aquele movimento de carrinho de mão passando lá, né.

Ao lembrar o momento da juventude em que escutava tais sons, Sylvia explica que, hoje, entende melhor a situação por causa dos estudos dentro da doutrina kardecista, da qual faz parte. Perguntamos se ela chegou a abrir a janela e ver algo, neste determinado caso e ela nos narra que “nós nunca vimos, mas chegamos sim, chegamos várias vezes [a abrir a janela]. Até fazíamos plantão. Aquela molecada toda fazia plantão a noite pra ver, mas escutávamos o som, sim.” Ela ressalta que a causa mais provável para nem ela, nem seus amigos verem a fonte que emitiria os sons, era a falta de preparo espiritual.

Os dois relatos anteriores nos apresentam mais pontos a serem pensados. A proximidade espacial com a qual essas almas apareciam, segundo acreditavam, bem como o horário em que ambos cumpriam suas penitências, podem indicar que tiveram origem em um mesmo ponto, se transformando em mais de um conto em algum momento. Como os bairros da Cremação e do Guamá são adjacentes, a maior parte dos elementos se mostravam comuns, e outros, como o personagem principal, se diferenciaria, tomando características de pessoas que, de certa forma, eram conhecidas pelo público em ambos os bairros – “seu Matinta” era, de fato, uma figura conhecida no bairro do Guamá. Entretanto, não dispomos de informações suficientes para tomar como certa essa possibilidade, o que nos leva a também entender os dois casos como genuínos dos bairros, tendo como elemento comum o fato de suas aparições estarem relacionadas à penitência de alguma alma, condenadas a repetir os passos em vida, por um longo período, até o encontro da paz.

No mapa abaixo, podemos observar melhor as áreas em que essas aparições eram, segundo os relatos, avistadas.

Mapa 03 – Áreas das aparições relatadas pelos entrevistados



Essas áreas periféricas, não possuíam uma estrutura urbanística essencial para seus moradores até, pelo menos meados dos anos 1970, com a ideia de tornar Belém uma cidade que caminhava ao encontro do futuro³³ e o final dos anos 1980, durante a gestão do prefeito Coutinho Jorge, na qual algumas áreas de periferia receberam projetos de arborização e saneamento³⁴.

Nos anos anteriores a esta expansão urbana, por meio de políticas públicas, muitas partes dos bairros citados ainda eram de florestas e igarapés, estreitos braços de rios. A praticamente ausência de iluminação nas ruas, harmonizada aos elementos da natureza, remetia àqueles ambientes um espaço semelhante aos de municípios do interior do estado, tornando-se fortemente propícios ao cenário ideal para a propagação de contos e lendas outrora unicamente fixadas nos terrenos pouco habitados e afastados dos centros urbanos.

Inicialmente, Maria José não se lembrava de histórias envolvendo seres encantados da fauna – seres humanos se transformando em animais e vice-versa – no bairro do Guamá, apenas ao conjunto residencial Maguari³⁵, localizado ao norte da cidade. No entanto, após a rememoração de narrativas que estiveram em amplo contato com o seu imaginário na juventude, a nossa colaboradora se lembrou de dois fatos relacionados aos encantados. O primeiro era o da existência de uma Matinta Perêra no bairro do Guamá. Walcyr Monteiro relata duas histórias envolvendo a Matinta Perêra na cidade de Belém, ambas em áreas, à época, periféricas e pouco urbanizadas e afirma ter sido uma “surpresa” ao ouvir tais histórias dentro de um ambiente urbano, uma vez que a Matinta é “um personagem mitológico por demais conhecido por habitar o interior da Amazônia” e que, “à medida que o progresso vai chegando, e as aldeias se transformando em vilas e estas em cidades, tais personagens de afastam” (MONTEIRO, 2000, p. 29).

O segundo caso, que por uma abrangência maior de detalhes escolhemos expor, sobre um homem que se transformava em porco. Segundo Maria José,

Esse que virava porco, o pessoal que falava, né, que ele saía pra... e uma vez diz que um cara chegou até ferir [o porco] e no outro dia tinha um cidadão ferido lá perto. Aí o pessoal começou a dizer que era ele que virava porco. Mas isso aí eu também não sei se era verdade ou não, se era “causos”, né?

³³ **A Província do Pará.** 13 e 14 de janeiro de 1970.

³⁴ **Diário do Pará.** 25 de abril de 1988.

³⁵ Localizado no bairro do Coqueiro, na área conhecida como “nova Belém”, é o local para o qual Maria José se mudou com o marido e os filhos nos anos 1980, também repleto de áreas de mata fechada e igarapés, estando sua casa muito próxima ao rio Maguari. O contato e a experimentação do espaço tão próximos da floresta facilitavam a difusão das lendas e mitos relacionados ao ambiente natural.

[...] é, tinha medo. Principalmente nesse lugar que o pessoal dizia que esse homem virava porco, o pessoal até determinada hora não passa mais pra lá com medo. Aí tinham medo, não passavam ali por aquele lugar. Aquele território era proibido. A gente tinha um pavor de passar pra lá.

Valemo-nos novamente da ideia de penitência da alma. O encantamento sofrido por esses personagens baseia-se em uma sina, ou punição, na qual constantemente (diariamente, semanalmente ou mensalmente) a pessoa transforma-se, muta-se do seu estado humano para o estado animal, o pássaro no caso da Matinta Perêra e o porco na história de Maria José. Histórias envolvendo pessoas que se metamorfoseavam em porco não eram totalmente desconhecidas da população da cidade em áreas não-periféricas. Walcyr Monteiro relata que quando Belém ainda era “uma cidade provinciana, com racionamento de luz, transportes precários e as famílias colocavam cadeiras nas calçadas” os moradores do bairro do Reduto sofreram com o aparecimento de uma grande porca que corria e fazia ruídos horríveis pelo bairro. A solução foi matar a tal porca, o que conseguiram após muitos dias de tentativas. Da mesma forma que ocorreu no relato de Maria José, no dia seguinte à morte da porca, quando os moradores chegaram ao local para a retirada do corpo, havia uma velha caída e morta (MONTEIRO, 2000, p. 28).

Ainda assim, nestes casos de encantamentos, os protagonistas não estão mortos, mas foram amaldiçoados e fadados a viver com este destino, a não ser que sejam “desencantados”. Na narrativa do homem que virava porco, a solução para a sua libertação foi a morte – não houve mais relatos da aparição deste porco após o falecimento do homem. Já no que envolve a Matinta Perêra, conta-se que as vezes, ela percorre áreas cheias de casas, na maior parte das vezes, em pequenas cidades do interior da Amazônia, gritando “quem quer?”. Se alguém responder “eu quero” receberá o fardo de se tornar Matinta, libertando quem estava presa a esta sina. Existem algumas teorias que visam explicar o porquê de essas pessoas serem acometidas de penitências ainda em vida, dentre as quais a venda da própria alma ao diabo (MONTEIRO, 2000).

São muitas as lendas e outros contos sobrenaturais que permeavam o imaginário dos moradores da cidade. Mas podemos separar em dois aspectos o núcleo das histórias narradas, associando-as à paisagem. 1) os mitos relacionados às lendas antes difundidas nos interiores da Amazônia chegaram a ocupar uma parte da cidade. Áreas, contudo, pouco urbanizadas e que rememoravam aspectos ambientais das pequenas cidades do interior, do qual muitos dos moradores eram originários; 2) quanto mais próximo do centro da cidade e das áreas com maior infraestrutura e pouca, ou nenhuma reminiscência da natureza original (rios, florestas),

mais os seres tidos por encantados diminuem, já que a presença deles está atrelada às florestas e aos rios e igarapés. Nessas áreas, percebemos que há uma predominância de personagens descendentes da experiência urbana: o jornalista, o vendedor de vísceras de animais, a “moça do táxi” etc.

A paisagem, para Tuan, é um objeto fundamental para se discutir o medo presente nas mentalidades porque é uma construção da mente, assim como uma entidade física mensurável. A partir disso, ele pensa a ideia de paisagem do medo, algo que diz respeito ao estado psicológico e ao meio ambiente real (TUAN, 2005). Por conseguinte,

São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. [...] De certa forma, toda construção humana – mental ou material – é um componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos. [...] De modo geral, todas as fronteiras construídas pelo homem na superfície terrestre – cerca viva no jardim, muralha na cidade, ou proteção do radar – são tentativas de manter controladas as forças hostis. (TUAN, 2005, p. 12)

Compreendemos que a urbanização funciona como uma fronteira paisagística que pretende afastar do espaço da cidade os elementos que caracterizam não só o campo e o e pequenas cidades do interior do estado, mas parte da cultura trazida desses espaços para a cidade. Daí acreditarmos, baseados nas narrativas das entrevistas e em relatos “do outro mundo”, publicados em obras como *Visagens e Assombrações de Belém*, *As incríveis histórias do caboclo do Pará*³⁶ e *Belém conta...*³⁷, que as lendas de seres encantados, quando acreditadas ocorrerem em Belém, estavam restritas às periferias pouco habitadas e edificadas cujas paisagens rememoravam em algo a vida nas margens de rios e/ou próximas da floresta.

Verificamos a presença dos mitos na vida das pessoas em uma cidade. Percebemos as transformações e suas aplicações sobre o ambiente urbano, por meio da experimentação do espaço, das significações e representações que indivíduos relegam às ruas, aos espaços públicos.

Dois outros contos estão presentes na entrevista com Maria Auxiliadora e Carlota das Graças, uma conversa que gravamos entre as duas no dia 17 de julho de 2014. Carlota das Graças tem 66 anos, é viúva e dona de casa. Apesar de não ser praticante, considera-se

³⁶ As duas obras são de autoria do antropólogo paraense Walcyr Monteiro. MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**. 3. ed. Belém: Banco da Amazônia S. A., 2000. MONTEIRO, Walcyr. **As incríveis histórias do caboclo do Pará**. Belém: Simith, 2002.

³⁷ SIMÕES, Maria do Socorro; GOLDBERGER, Christophe (coords.). **Belém conta...** Belém: Cejup; UFPA, 1995. (Série Pará Conta; 2)

católica. Ela nos contou uma história contada a ela pela mãe, que envolvia também a ideia de alma penada e das horas mortas. Segundo Carlota,

no cemitério de Santa Izabel, uma senhora tinha ido à sepultura do marido. Era próximo ao meio-dia. Então minha mãe e minhas tias diziam que essas horas você não deveria estar em cemitério, nem em determinados lugares. E esta senhora quando viu uma [outra] senhora toda de negro e de chapéu, achou estranho as roupas, mesmo na época, que eram roupas muito antigas. Chegou perto dela e perguntou o que ela estava fazendo ali. Ela disse que ela estava no túmulo do marido. Ela disse “mas essa hora? São horas mortas. A senhora não deve vir a esses lugares porque as almas fazem penitência”. Acho que ela ficou assim que quando ela virou, a senhora tinha desaparecido. Ela levou aquilo como um aviso, né.

O cemitério de Santa Izabel, próximo à casa da colaboradora Sylvia, foi aberto ao público logo após a desativação do cemitério da Soledade. Funcionou normalmente até meados dos anos 60, quando da criação do cemitério São Jorde, no bairro da Marambaia. Desde então, os sepultamentos ocorrem apenas para pessoas cujas famílias possuam no local uma sepultura perpétua (MONTEIRO, 2000).

Não só ruas e cemitérios públicos eram palcos de aparições, mas as praças também se caracterizaram cenários de aplicação do elemento sobrenatural, como o caso da praça Magalhães, no bairro do Reduto. Nos conta Maria Auxiliadora:

[...] durante a guerra, na década de 40, Belém também foi base dos aliados. Foi Natal e Belém e pra evitar um bombardeio, havia blecautes à noite. E essa doca do Reduto, ela passa por uma pracinha [...] a praça Magalhães, onde tem um coreto muito antigo. É nesse coreto que existe até hoje, os soldados do exército que faziam a ronda em Belém a cavalo na época desses blecautes, eles passavam por lá e sempre viam uma moça perto desse coreto com o rosto abaixado. Assim, com o rosto sobre os braços. E haviam sempre aqueles que queriam mexer com elas e haviam sempre aqueles que diziam pra não mexer, achando já que ela deveria ser uma visagem, que ela deveria estar ali, como é? Fazendo a sua penitência. Até que um foi mais insistente e se aproximou dela e foi mexer. Quando ela levantou o rosto, o rosto dela era uma caveira. E evidentemente que ele saiu correndo.

Observamos que em todas as entrevistas um ponto comum é que as almas descritas nas histórias não fizeram nenhum mal físico, nem trouxeram desequilíbrio mental para as pessoas que as viram, causando no máximo medo, estando elas inseridas no que se entende por visagens. Ninguém ficou assombrado³⁸ ou foi acometido por milagres e outras situações que

³⁸ Diz-se que um indivíduo ficou assombrado quando, após seu encontro com um espírito (no caso, a assombração), sintia febre, dores no corpo ou que até mesmo enlouqueça.

trouxessem bens materiais e físicos. Carlota das Graças e Maria José nos contaram situações em que parentes receberam a visita de um estranho médico, enquanto estavam passando por algum problema de saúde, em hospitais e curando-se logo em seguida, sendo tais visitas atribuídas ao dr. Camilo Salgado – um médico falecido na primeira metade do século XX, o qual se atribuem inúmeros casos de curas. Entretanto, não expusemos tais histórias nessa pesquisa, pois todas ocorreram em ambientes fechados e privados, não correspondendo ao nosso objeto espacial que são logradouros externos e públicos.

Finalmente, entendemos, tomando como base principalmente as narrações, que no recorte temporal que esta pesquisa se moldou (1950-1990) o mito estava presente na cultura da cidade, não estando compreendida apenas sob o aspecto das tradições de moradores de classe econômica baixa, ou de pessoas pouco instruídas, transcendendo essa dimensão. A ideia do medo sobre alguns espaços públicos em Belém continua presente, embora não mais sendo muito relacionada à ótica sobrenatural, mas à violência urbana. Frequentes assaltos acabam por tornar determinados lugares em malditos. Isso não significa que os mitos não existam mais, ou que as lendas não sejam mais contadas. Contudo, outras preocupações sobre o espaço acabaram se tornando mais importantes. Como Maria Auxiliadora exprime, “hoje em dia ninguém vê mais visagem na rua”. Não só a violência urbana é a causa para a eventual diminuição do medo diante do sobrenatural após os anos 1990, porém, esta é uma discussão que não pretendemos elaborar no momento, mas que possui grandes elementos para o desenvolvimento de futuras pesquisas sobre o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, consideramos alguns pontos de grande importância para se pensar um período da história da cidade Belém. Em primeiro lugar, o quanto as políticas do Estado para o desenvolvimento da região amazônica, por meio da implementação dos Planos de Desenvolvimento da Amazônia, conseguiram desequilibrar a economia das pequenas cidades do interior do estado do Pará e as conseqüentes transformações urbanas que cidades de médio e grande porte, como Belém, sofreram por causa das intensas migrações para esses locais.

À medida que a cidade se transformava e tomava novas formas, agregando diversos modos de vidas e perspectivas de seus habitantes, era de se esperar que o ideal de progresso trouxesse uma visibilidade técnica sobre as práticas sociais e sobre os usos dos espaços urbanos, baseados em uma racionalidade advinda do intenso desenvolvimento industrial e econômico que Belém passava a partir dos anos 1950. Contudo, o que pôde ser visto é que as tradições e as crenças em elementos sobrenaturais não desapareceram. Continuavam presentes, às vezes adaptados aos aspectos urbanos. O medo diante do sobrenatural fez parte do cotidiano de grupos de moradores do centro da cidade e a presença desse medo moldava tanto as percepções e significados quanto os usos do espaço público.

Como vimos, de forma mais sintética, podem existir diversos significados sobre uma rua que se transformam ao longo do dia. De manhã ou de tarde, a rua pode significar um espaço de trânsito, um meio para se chegar a um destino. Durante a noite, ela se torna um espaço a ser evitado por conta da crença de que seres sobrenaturais ali apareceriam.

Percebemos, também, que o centro da cidade era um espaço mais estruturado, organizado, saneado, que contava com facilidade de serviços e de transportes. De acordo com moradores dessas áreas, os seres sobrenaturais que se acreditavam ali aparecer estavam relacionados caracteristicamente a este espaço, como o fantasma da moça que pegava um táxi, ou o fantasma que aparecia no bonde, ou o carro assombrado que cruzava os bairros do centro nas madrugadas das sextas-feiras fazendo barulhos horríveis. Estas “características urbanas” que os seres sobrenaturais deste espaço possuíam é algo que merece ainda ser muito mais discutido e pesquisado, pensando sobre como as transformações espaciais também influenciam nas transformações dos elementos sobrenaturais que estão no imaginário local.

Outro ponto a se considerar e a ser mais desenvolvido é a dicotomia entre os elementos sobrenaturais do centro da cidade com os de bairros periféricos. Os primeiros sempre voltados aos elementos urbanos; os segundos voltados aos elementos da natureza,

como animais e plantas. De quais formas as percepções da paisagem podem inspirar ou intervir na crença e no medo diante do sobrenatural?

Finalmente, consideramos fundamental se estudar aspectos da história de uma cidade, como no caso de Belém, a partir da cultura. Além das relações sociais, políticas e econômicas, vimos o quanto o elemento cultural, fruto de tradições, memórias e das apropriações pessoais sobre um espaço, conseguem denotar novos significados, conseguem impor diferentes interpretações sobre um espaço que, por sua vez, implicam em distintas formas de se experimentar o espaço público. Ele é organizado tanto por aspectos técnicos, econômicos e políticos, quanto pelas relações sociais e culturais, por crenças e medos, tornando-se um lugar dotado de significados para moradores do espaço urbano.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, R. A. *A cidade sou eu? O urbanismo do século XXI*. 2007. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- BARROS, José D'Assunção. *Cidade e história*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CAMPELO, Marilu Marcia. Conflito e espacialidades de um mercado paraense. In: LEITÃO, Wilma Marques (org.). *Ver-o-Peso: estudos antropológicos no mercado de Belém*. 1. ed. Belém: NAEA, 2010.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. 1. ed. São Paulo: Contexto: 2012.
- CASTRO, Edna. Urbanização, pluralidade e singularidades das cidades amazônicas. In: CASTRO, Edna (org.). *Cidades na Floresta*. São Paulo: Annablume, 2008.
- CHAVES, M. A. Notas sobre o povoamento na Amazônia. *Revista Estudos Amazônicos*. Belém, vol. 4, n. 2, 2009. p. 153-161. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/pphist/estudosamazonicos/arquivos/artigos/7%20-%20IV%20-%202%20-%202009%20-%20M%20Anunciada%20Chaves.pdf>>. Acessado em: 12 nov. 2015.
- CORRICONDE, Raquel; VELHO, Gilberto. A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1973 (1º edição); 1989 (5º edição). In: *Revista Intratextos*, 2013, vol 4, no1, p. 119-139. DOI: 10.12957/intratextos.2013.8506.
- CUCHE, Denys. *A noção de culturas nas ciências sociais*. Bauru, EDUSC, 1999.
- DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia (1870-1950)*. Belém: EDUFPA, 2008.
- FRAXE, T.; MIGUEZ, S.; WITKOSKI, A. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. *Ciência e Cultura*. São Paulo, vol. 61, n. 3, 2009. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000300012>. Acessado em: 12 nov. 2015.

- LIMA, Zeneida. *O mundo místico dos caruanas e a revolta de sua ave*. 4. ed. Belém: Cejup, 1998.
- MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MIDGLEY, Mary. *A presença dos mitos em nossas vidas*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- MITSCHEIN, T.; CHAVES, J.; MIRANDA, H. *Crescimento, pobreza e violência em Belém*. Belém: NUMA/UFPA; POEMA, 2006.
- MONTEIRO, Walcyr. *Visagens e Assombrações de Belém*. 3. ed. Belém: Banco da Amazônia S. A., 2000.
- _____. *As incríveis histórias do caboclo do Pará*. Belém: Simith, 2002.
- SIMÕES, Maria do Socorro; GOLDBERGER, Christophe (coords.). *Belém conta....* Belém: Cejup; UFPA, 1995. (Série Pará Conta; 2)
- MORAES, Eneida de. *Aruanda/Banho de Cheiro*. Belém: SECULT; FCPTN, 1989.
- MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- OLIVEIRA, José Coutinho. SILVA, A.; REBELO, M.; CORRÊA, P. (orgs.). *Imaginário Amazônico*. Belém: Paka-Tatu, 2007.
- PRIORE, Mary del. *Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo*. Planeta: São Paulo, 2014.
- ROCHA, Everardo P. G. *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos, 151)
- RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. Bairro e Memória: Umarizal das Vacarias aos espigões (Belém 1950-2000). In: *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 27, 2013, Natal, RN. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social. Natal: ANPUH, 2013.
- RONCAYOLO, Marcel. As funções da cidade. In: *ENCICLOPÉDIA Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986. V.8.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.
- SOUSA, Rosana Padilha de. História e memória de um bairro operário: Reduto – 1910 – 1930. In: *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 24, 2007, São Leopoldo, RS. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

TOCANTINS, Leandro. *Amazônia: natureza, homens e tempo: uma planificação ecológica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. (Coleção Retratos do Brasil, v. n. 165)

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.

_____. *Paisagens do medo*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PERIÓDICOS

DIÁRIO do Pará. Belém, 1987, 1988, 2014.

A PROVÍNCIA do Pará. Belém, 1970, 1972.

ANEXOS

Anexo 01

Belém, 28 de julho de 2015

Rudá Silva de Pinho,

Eu, Sylvia Socorro Torres Oliveira, casada, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura em 21 de julho de 2014, para Rudá Silva de Pinho usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros a ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle ao estudante Rudá Silva de Pinho, que tem a guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente que terá minha firma reconhecida em cartório.

Sylvia Socorro Torres Oliveira

Anexo 02

Belém, 28 de julho de 2015

Rudá Silva de Pinho,

Eu, Carlota das Graças da Silva Bastos, viúva, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura em 19 de julho de 2014, para Rudá Silva de Pinho usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros a ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle ao estudante Rudá Silva de Pinho, que tem a guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente que terá minha firma reconhecida em cartório.

Carlota das Graças da Silva Bastos
Carlota Bastos

Anexo 03

Belém, 28 de julho de 2015

Rudá Silva de Pinho,

Eu, Maria Auxiliadora Santos da Silva, casada, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura em 19 de julho de 2014, para Rudá Silva de Pinho usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros a ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle ao estudante Rudá Silva de Pinho, que tem a guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente que terá minha firma reconhecida em cartório.

Maria Auxiliadora Santos da Silva
Silva

Anexo 04

Belém, 28 de julho de 2015

Rudá Silva de Pinho,

Eu, Maria José Santos Maciel, solteira, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura em 19 de julho de 2014, para Rudá Silva de Pinho usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros a ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle ao estudante Rudá Silva de Pinho, que tem a guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente que terá minha firma reconhecida em cartório.

Maria José Santos Maciel
Maria José Santos Maciel